

FACULDADES EST

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

LEONARDO FERREIRA GONÇALVES

**O SERMÃO NARRATIVO
COMO CONECTOR ENTRE O OUVINTE E O PREGADOR**

São Leopoldo

2016

LEONARDO FERREIRA GONÇALVES

O SERMÃO NARRATIVO
COMO CONECTOR ENTRE O OUVINTE E O PREGADOR

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Espiritualidade,
Música e Mídia.

Orientador: Júlio César Adam

São Leopoldo

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G635s Gonçalves, Leonardo Ferreira

O sermão narrativo : como conector entre o ouvinte e o pregador / Leonardo Ferreira Gonçalves; orientador Júlio César Adam. – São Leopoldo : EST/PPG, 2016.

79 p. ; 31 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2016.

1. Pregação. 2. Comunicação – Aspectos religiosos – Cristianismo. I. Adam, Júlio César, 1972- . II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

LEONARDO FERREIRA GONÇALVES

O SERMÃO NARRATIVO COMO CONECTOR ENTRE O OUVINTE E O
PREGADOR

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de Pesquisa: Espiritualidade,
Música e Mídia.

Data de Aprovação: 30 de junho de 2016

Júlio César Adam – Doutor em Teologia – EST

Iuri Andréas Reblin – Doutor em Teologia –EST

Dedico este trabalho à minha esposa, Larissa B. V. Pessoa, que sempre me apoiou e acreditou que seria possível a conclusão desta pesquisa e que com o mesmo entusiasmo via a relevância deste trabalho para a pregação.

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo incentivo e esforço para que este trabalho fosse concluído. Aos pastores, David Rodrigues Pessoa e Lucimeire B.V. Pessoa, pela disposição em apoiar e incentivar a conclusão deste trabalho. Aos professores da Faculdades EST, em especial ao meu orientador Dr. Júlio César Adam que me mostrou o caminho para concluir esta etapa da minha carreira acadêmica.

À Igreja Batista Movimento, que investiu financeiramente e acreditou que eu fosse capaz de concluir este mestrado.

"As histórias fazem isso: criam as circunstâncias imaginativas nas quais aprendemos por intuição uma ordem imperativa para deixarmos o mundo desleixado dos debates distantes e impessoais para nos tornar participantes obedientes na vida, seguidores obedientes de Jesus".

Eugene H. Peterson

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre o sermão narrativo, como um tema da Homilética, subárea da Teologia Prática. Este trabalho se ocupa, portanto, com a Homilética e seu objetivo é investigar as possibilidades de comunicar com clareza e fidelidade a mensagem do evangelho, diminuindo os ruídos que impedem a compreensão do que se quer transmitir na prédica. Para isto, no primeiro capítulo, serão abordados os conceitos de Homilética, bem como a sua missão e a respectiva missão do pregador, no uso da melhor forma sermônica possível para lograr êxito em seu objetivo. No segundo capítulo, analisa-se a pregação na pós-modernidade, ressaltando aspectos, tendências e críticas dos ouvintes em relação à pregação na atualidade. No terceiro capítulo, apresenta-se o sermão narrativo como uma possibilidade para se diminuir ruídos na comunicação, tendo em vista que as narrativas fazem parte da construção da cosmovisão de qualquer indivíduo e que elas produzem a possibilidade de um aprendizado experimental, ou seja, um conhecimento que transcende o campo das ideias e invade a vida prática e cotidiana do ouvinte, promovendo mudanças consistentes na maneira como se vive.

Palavras-chave: Homilética. Comunicação. Sermão narrativo. Mensagem. Pregador. Ouvinte.

ABSTRACT

The paper is a study about the narrative sermon as a theme of Homiletics, a sub area of Practical Theology. This paper, therefore, occupies itself with Homiletics and its goal is to investigate the possibilities of communicating the message of the Gospel with clarity and fidelity, diminishing the noises which impede the comprehension of what wants to be transmitted in the sermon. For this, in the first chapter, the concepts of Homiletics, as well as its mission and the respective mission of the preacher will be dealt with regarding the use of the best sermonic way possible to be successful in its goal. In the second chapter preaching in post-modernity will be analyzed highlighting aspects, tendencies and criticism of the listeners with regard to the preaching in current times. In the third chapter the narrative sermon is presented as a possibility for diminishing noises in the communication, being as narratives are a part of the construction of the cosmo-perspective of any individual and they produce the possibility of an experiential learning, that is, a knowledge which transcends the field of ideas and invades the practical and daily life of the listener, promoting consistent changes in the way one lives.

Keywords: Homiletics. Communication. Narrative Sermon. Message. Preacher. Listener.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 O QUE É HOMILÉTICA? A NECESSIDADE DE UMA DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE HOMILÉTICA	19
INTRODUÇÃO	19
1.1. O CONCEITO DE HOMILÉTICA.....	19
1.2 CONCEITUANDO A PREGAÇÃO.....	21
1.3 A HISTÓRIA DA PREGAÇÃO.....	24
1.4 A MISSÃO DA PREGAÇÃO.....	27
1.5 A MISSÃO DO PREGADOR	30
CONCLUSÃO	33
2 A PREGAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE: DESAFIOS E PRÁTICAS	34
INTRODUÇÃO	34
2.1 ANÁLISE DO OUVINTE CONTEMPORÂNEO.....	35
2.1.1 AVERSÃO AO AUTORITARISMO	35
2.1.2 RAZÃO OU EMOÇÃO?	36
2.1.3. GERAÇÃO CIBERNÉTICA.....	37
2.2 PREGAÇÃO E SUA PRÁTICA: UMA ANÁLISE DA PREGAÇÃO NO SÉCULO XXI	41
2.2.1 A PREGAÇÃO NAS IGREJAS MIDIÁTICAS	41
2.2.2 A PREGAÇÃO NAS IGREJAS HISTÓRICAS.....	43
CONCLUSÃO	47
3 O SERMÃO NARRATIVO: PREGANDO A MENTE E AO CORAÇÃO	49
INTRODUÇÃO	49
3.1 A RELAÇÃO ENTRE A NARRATIVA E OS SERES HUMANOS	50
3.2 NARRATIVA, UMA FORMA DE LINGUAGEM.....	55
3.3 O GÊNERO NARRATIVO É ATRATIVO PARA O INDIVÍDUO DA PÓS-MODERNIDADE	57
3.4 A NARRATIVA E A TRANSMISSÃO DA COSMOVISÃO CRISTÃ	60
3.5 A PRÉDICA NARRATIVA	62
3.5.1 O SERMÃO NARRATIVO NA BÍBLIA	64
3.5.2 ENTENDENDO O MODELO SERMÔNICO NARRATIVO E SUA PROPOSTA.....	70
CONCLUSÃO	71
CONCLUSÃO	73

REFERÊNCIAS.....	76
-------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

A pregação é uma das tarefas mais importantes que o pastor, entre outros, desempenha na igreja nos dias de culto. A liturgia da palavra é o momento em que os ouvintes param para ouvir a Palavra de Deus sendo pregada. Na Idade Média, os leigos não entendiam o que era falado pelo padre porque a missa era feita em latim. Com o advento da Reforma e a possibilidade de se consultar as escrituras, o quadro muda e, a partir de então, surge outra vez, como no período apostólico, por exemplo, a necessidade de se comunicar com clareza e fidelidade a mensagem do evangelho de Jesus Cristo.

Essa necessidade tem sido levada em consideração desde então e os pregadores têm procurado a melhor maneira de comunicar essa mensagem. No entanto, alguns ruídos têm se colocado entre a mensagem e o ouvinte, dentre eles, está a forma sermônica que, como veremos, tem recebido algumas críticas por não conseguir atingir o objetivo pretendido. Dentre as formas com maior dificuldade está o sermão clássico, ou seja, o lógico-dedutivo, muito usado nas igrejas históricas tradicionais. Com o intuito de pensar sobre essas questões, serão abordados assuntos ligados a temática. Dentro desta proposta, cabe a pergunta feita por Ralph e Gregg Lewis para introdução do assunto em questão. Eles fazem o seguinte questionamento:

Há alguma abordagem aos sermões que possam falar a experiência cultural, às necessidades emocionais e às preocupações da vida real, enquanto aproveita ao máximo os hábitos de aprendizagem de nossos ouvintes e utiliza mais o potencial da incrível mente humana?¹

Fred Craddock, principal nome associado à Nova Homilética, dá uma resposta a essa questão. E percebeu que a forma sermônica tradicional, ou seja, a maneira como se comunicava a mensagem do evangelho até então, não estava alcançando os ouvintes e as suas respectivas realidades, tornando o momento da liturgia da palavra enfadonho e sem resultados visíveis na vida do ouvinte e da comunidade como um todo. No entanto, quando nos aprofundamos um pouco nesta linha de pesquisa, a Nova Homilética, percebemos que, na verdade, algumas das

¹ LEWIS, Ralph; LEWIS, Gregg. *Pregação Indutiva: como pregar de modo que as pessoas ouçam*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. p. 43.

principais formas sermônicas propostas pela Nova Homilética já eram utilizadas há muito tempo no contexto judaico, por exemplo, mostrando que esse movimento está apenas resgatando formas indutivas ou narrativas de pregação já utilizadas para comunicar a Palavra de Deus ao seu povo.

Ralph e Gregg Lewis nos mostra que:

Estudiosos de nossa época descobriram uma nítida distinção entre o funcionamento e capacidades entre os hemisférios direito e esquerdo do cérebro humano. O pensamento crítico, a leitura e a lógica linear parecem estar centralizadas no lado esquerdo do cérebro. A criatividade, a memória visual, os sentimentos e a imaginação são funções da metade direita do cérebro[...]

Já atravessamos o limiar e entramos numa nova era – a era do conhecimento visual. Se não conseguirmos ver esse fenômeno, é porque mantemos fechados os nossos olhos[...] O crente que passa cinquenta horas por ano no banco da igreja a ouvir mensagens (talvez cem horas, se for ao culto da noite), fica em frente à tela duas mil horas a cada ano. Nosso mundo não está mudando, já mudou.²

Este apontamento de Ralph e Gregg Lewis é muito importante, pois ele coloca em questão toda uma estrutura lógica dedutiva na qual os sermões tradicionais são feitos. Ao analisar a cultura, ele nota que, na atualidade, as pessoas passam mais tempo aprendendo indutivamente, ou seja, usando o lado direito do cérebro do que dedutivamente, algo facilmente comprovado quando se avalia a quantidade de tempo gasto na frente de TVs e de computadores. Essa realidade mostra uma revolução radical na forma de aprendizagem e de compreensão dos indivíduos do século 21.

É importante ressaltar que isso afeta diretamente a maneira como as pessoas ouvem e compreendem os sermões pregados na igreja. Se os pregadores insistem em utilizar o método lógico dedutivo, estão andando na contramão do processo de aprendizagem das pessoas. Isso significa dizer que tais homens e mulheres estão dificultando a compreensão da palavra de Deus por usar um método inadequado. Diante dessas questões, é preciso repensar a pregação tendo um olhar atento a cultura popular.

Em seu livro “O clamor da Igreja”, Jilton Moraes percebe que uma das maiores queixas dos ouvintes é o fato de a pregação não comunicar e não ser

² LEWIS; LEWIS, 2003, p. 43.

relevante para a realidade da vida cotidiana da congregação.³ Isso faz com que a mensagem do evangelho se torne ultrapassada, mesmo que se defenda, dentro do pensamento histórico cristão, a atemporalidade do evangelho; ou seja, neste contexto, algo estaria errado. De acordo com o quadro colocado pelo autor em questão, pode-se claramente concluir que a mensagem não está alcançando os ouvintes e que um dos motivos possa ser a forma como ela é apresentada à igreja. Aqui não se está defendendo a ideia de que a forma seja o único problema na comunicação, mas uma das dificuldades atuais. Pode-se observar, por exemplo, que um sermão pode ter muito conteúdo teológico. No entanto, se a comunicação for falha, esse conteúdo torna-se pouco relevante, pois não alcançou o ouvinte, não foi claro e não trouxe mudança na vida prática do mesmo e da igreja em que se prega esse conteúdo.

Diante destas e de outras questões, percebeu-se a importância, na contemporaneidade, da forma do sermão para uma boa comunicação. Aliás, as pessoas acompanham as mudanças sociais e uma delas é a mudança na maneira de se comunicar. Se a pregação da palavra não acompanhar essas mudanças, haverá ruídos na comunicação. Note que não se está dizendo que o conteúdo deva mudar ou se moldar aos padrões culturais, mas que a forma, a linguagem, precisa mudar; afinal, ela está em constante mudança. Se não fosse o caso, não haveria a necessidade de tantas versões bíblicas com o objetivo de trazer a mensagem com a melhor clareza possível. É exatamente isso que esta pesquisa propõe através da narrativa como forma sermônica.

A pregação como narração tem sido vista como uma forma que conecta o ouvinte com as escrituras, tornando a mensagem atual e relevante. Fred Craddock conta uma história de Scott Momaday que era índio da tribo Kiow. O autor relata que, um dia, Momaday foi levado por seu pai à casa de uma índia idosa e foi deixado ali. Durante esse dia, ele ouviu muitas histórias do seu povo. Por fim, ele afirma que saiu da casa daquela idosa um Kiowa de fato.⁴ Esse relato nos mostra o poder da narração de uma história. No caso do cristão, não é diferente, ele faz parte de uma história. Para o autor citado “ser cristão é estar associado a uma história, e

³ MORAES, Jilton. *O clamor da igreja: Em busca de excelência no púlpito*. São Paulo: Mundo Cristão, 2002. p. 185.

⁴ CRADDOCK, Fred. *A Pregação Como Narração de Histórias: como confiar em histórias que possam transmitir carga espiritual*. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Org.). *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. p.609.

qualquer pessoa que não conseguir lembrar mais longe que seu próprio nascimento é órfão”.⁵ As histórias fazem parte da vida das pessoas e aproximam as mesmas das realidades narradas. Com os ensinamentos do evangelho não é diferente. Jesus sempre foi um ótimo contador de histórias e ensinou muitas verdades contando parábolas. Isso também nos mostra a eficiência da pregação indutiva narrativa.

À primeira vista, esta forma sermônica não é popular e nem ensinada na maior parte dos seminários. No entanto, é possível compreender como ela pode contribuir para que, no momento da liturgia da palavra, os ouvintes estejam conectados com a mensagem e ela possa ser viva e eficaz na vida particular e comunitária de cada cristão, de maneira que se possa verificar os resultados de forma clara e evidente.

De maneira geral, essa pesquisa se propõe a verificar a melhor forma de se comunicar o evangelho no culto cristão, fazendo do ouvinte não apenas um espectador, mas um participante deste momento litúrgico, através de narrativas que o leva a participar da história. Esta proposta nos leva a perceber algo mais profundo, a saber: Em que medida a pregação narrativa pode facilitar a compreensão da mensagem pelo ouvinte? Como a narrativa pode se propor a não apenas passar informações, mas a alcançar os corações? Ou seja, todas estas questões encontram eco na seguinte pergunta principal: Como diminuir os ruídos na entrega da mensagem através da narrativa como forma sermônica, de maneira que se confira resultados objetivos na vida comunitária e individual do cristão?

Visando a solução deste problema de pesquisa, tendo em vista a abordagem bibliográfica exploratória da investigação, o quadro teórico e o delineamento metodológico, este trabalho foi estruturado da seguinte maneira: No primeiro capítulo, serão abordados os conceitos de Homilética, bem como a sua missão e a respectiva missão do pregador, no uso da melhor forma sermônica possível para lograr êxito em seu objetivo. No segundo capítulo, analisa-se a pregação na pós-modernidade, ressaltando aspectos, tendências e críticas dos ouvintes em relação à pregação na atualidade. No terceiro capítulo, apresenta-se o sermão narrativo como uma possibilidade para se diminuir ruídos da comunicação, tendo em vista que as narrativas fazem parte da construção da cosmovisão de

⁵ CRADDOCK, 2009, p. 609.

qualquer indivíduo e que elas produzem a possibilidade de um aprendizado experimental.

Por fim, é importante acrescentar que este trabalho, mesmo estando na maioria das vezes no masculino, quer ser inclusivo. Isso porque leva em consideração que existem inúmeras igrejas com pastoras. Logo, não é de interesse deste trabalho marginalizar as pregadoras do evangelho que estão militando nessa árdua missão com afinco e dedicação.

1 O QUE É HOMILÉTICA? A NECESSIDADE DE UMA DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE HOMILÉTICA

INTRODUÇÃO

Antes de entrarmos na questão das formas sermônicas, com o objetivo de mostrar em que medida o sermão narrativo é um bom equalizador entre o pregador e o ouvinte, é importante ressaltarmos o que é a Homilética e algumas observações sobre sua prática. É imprescindível que se tenha clareza quanto ao papel dessa ciência para fazermos algumas considerações.

Logo, torna-se imprescindível apresentar o conceito de Homilética. Levando em consideração a sua função e compreendendo sua importância singular na comunicação do evangelho, o pregador poderá perceber com mais atenção o que a ausência do uso desta ferramenta teológica pode causar na comunicação da mensagem, a saber, o aumento dos ruídos e a falta de compreensão do que se quer comunicar.

Por muito tempo, a Homilética tem sido marginalizada em alguns seminários teológicos como matéria de importância secundária. No entanto, ao definirmos o conceito, pode-se perceber que ela é fundamental e não pode ser relegada a um conteúdo pouco relevante. Neste caso e diante do contexto de pouco entendimento sobre Homilética, torna-se relevante definir o seu conceito.

1.1. O CONCEITO DE HOMILÉTICA

Alguns estudiosos da área tem respondido a pergunta “o que é Homilética?”, de diversas maneiras. No nosso caso, cabe citar as definições e as considerações mais influentes no meio acadêmico. Começaremos com a definição de Nelson Kirst, um pesquisador com vasta experiência na matéria em questão. Ele afirma que

Homilética é a ciência que se ocupa com a pregação cristã e, de modo particular, com a prédica proferida no culto, no seio da comunidade reunida. O termo vem da palavra grega HE HOMILIA. O verbo HOMILEIN significa “relacionar-se, conversar”. HE HOMILIA designa, no NT, “o estar juntos, o

relacionar-se”, e, nos primeiros séculos da era cristã, o termo passa a ser usado para denominar a prédica. Daí deriva a expressão “homilética”.⁶

Ele continua mostrando o aspecto funcional da Homilética, afirmando que:

A Homilética faz parte da Teologia Prática. Sua tarefa não se limita a princípios teóricos, mas concentra-se grandemente no treinamento prático [...] Pregar é, em boa parte, artesanato. E artesanato se aprende praticando. Assim sendo, os conhecimentos compartilhados aqui precisam ser complementados por um treinamento prático, de preferência, orientado.⁷

Jilton Moraes, um pesquisador com vasta experiência em Homilética, assegura que “Pregar é uma das mais árduas e gloriosas tarefas reservadas ao ser humano”.⁸ Para ele “isso significa que temos a grande responsabilidade de nos colocar diante das pessoas para falar em nome de Deus”.⁹ Citando Walter R. Bowie, ele afirma que “o pregador é um canal de comunicação do Deus vivo para a alma viva que ali está diante dele”.¹⁰ Moraes conclui a partir daí que “para o desempenho da importante missão de falar em nome do Senhor precisamos estar preparados”.¹¹ Para o escritor, “o estudo da Homilética é uma benção a todos quantos desejam dedicar-se à comunicação da Palavra de Deus”.¹² Moraes também traz algumas definições acerca de Homilética que valem ser citadas aqui.

A Homilética é ciência, quando vista sob o prisma de sua fundamentação teórica: é ciência que se ocupa com o estudo da comunicação da Palavra de Deus[...] Vista sobre outro prisma, a Homilética é também arte, uma vez que trabalha artesanalmente, passo a passo, os elementos que formam o sermão.¹³

Moraes entende que à Homilética é de importância indispensável para à comunicação do evangelho, tendo em vista que essa mensagem a ser comunicada não pode ser entregue de qualquer maneira. A comunicação eficiente é responsabilidade do pregador, que, por sua vez, não pode fazê-lo com excelência sem a contribuição da Homilética.

Luiz Carlos Ramos, que também tem trabalhado com questões relacionadas à Homilética e à pregação, traz uma definição mais abrangente que as citadas até o momento. Logo, torna-se viável fazer menção à sua colocação sobre como se pode

⁶ KIRST, Nelson. *Rudimentos de homilética*. São Leopoldo: Sinodal, 2012. p.7.

⁷ KIRST, 2012, p.7.

⁸ MORAES, Jilton. *Homilética: da pesquisa ao púlpito*. São Paulo: Vida, 2012. p.17.

⁹ MORAES, 2012, p. 17.

¹⁰ BOWIE, 1954 apud MORAES, 2012, p. 17.

¹¹ MORAES, 2012, p, 17.

¹² MORAES, 2012, p. 17.

¹³ MORAES, 2012, p. 18.

definir essa ciência e essa arte, como vimos acima, fazendo uma correlação com outras áreas da teologia. Ele afirma que

A Homilética tem, para nós, um horizonte mais abrangente do que o treinamento e a prática de pregação. A rigor, nós da RedLAH, concebemos a tarefa homilética como resultante direto do labor conjunto resultante das três grandes áreas teológicas: Teologia Bíblica, Teologia Histórico-Sistemática e Teologia Pastoral (ou da Práxis).¹⁴

Ramos resume o seu ponto de vista com a seguinte afirmação:

Em suma, a tarefa homilética consiste em presentificar, à luz da memória das fontes da fé, a experiência de Deus na nossa História (hoje), e nos desafiar a dar passos concretos rumo à consumação da fé na esperança da plenitude do Reinado de Deus.¹⁵

Ramos ainda sugere que existiram várias Homiléticas ao longo da história, cada uma com suas características particulares. Logo, o que se tem são Homiléticas. Ele observa que o discurso religioso procurou em cada período histórico cumprir o seu papel da maneira que percebia ser a mais adequada, sendo assim influenciada por seu tempo e, ao mesmo tempo, influenciando o mesmo. No entanto, algo que se dá como certo é que sempre houve influências das Homiléticas passadas para as da que se seguiam.¹⁶

Diante desses conceitos, nota-se que a Homilética é fundamental para uma boa comunicação da Palavra de Deus. Ela se ocupa em descobrir qual a melhor forma de se comunicar essa mensagem, sem que a mesma se perca entre o púlpito e o ouvido dos ouvintes. Ao mesmo tempo, ela coloca sobre a vida do pregador a responsabilidade de ser “arauto”, isso significa que toda pessoa que almeja ser um pregador deve considerar como elemento indispensável em sua preparação o estudo contínuo da Homilética.

1.2 CONCEITUANDO A PREGAÇÃO

Para Eugene H. Peterson, pastor presbiteriano que tem trago significativa contribuição para a pregação na contemporaneidade, reitera a importância de

¹⁴ RAMOS, Luiz Carlos. A pregação na idade humana: horizontes homiléticos para a igreja do futuro. *LUIZ CARLOS RAMOS: textos e texturas*. 10 de março de 2014. Disponível em: <<http://www.luizcarlosramos.net/a-pregacao-na-idade-humana/>> Acesso em: 02 maio. 2015.

¹⁵ RAMOS, 2014, [s.p.].

¹⁶ RAMOS, 2014, [s.p.].

entendermos o que é pregação. Pode-se notar que, para ele, a compreensão desse conceito amplia a visão dos pregadores estimulando-os a se prepararem com mais afinco para esse ofício. Segundo ele, pregação é

Proclamação. A pregação anuncia o que Deus está realizando aqui e agora, neste momento e neste lugar. Também convoca os ouvintes a corresponder a contento.[...] A pregação é uma linguagem que nos envolve pessoalmente com a ação de Deus no presente. Chama atenção na pregação o fato de que ela consegue transmitir o pessoal e o presente. Não se permite ao ouvinte supor que as palavras pregadas sejam para qualquer outra pessoa que não a ele mesmo[...] A pregação revela Deus em ação aqui e agora – por *mim*[...] Deus vivo, em operação e falando, aqui e agora, a você e a mim.¹⁷

Moraes dá outra significativa contribuição ao abranger o conceito de sermão ou pregação, pois, além de definir o termo, ele começa a lançar luz sobre o que será abordado mais adiante, a saber, o objetivo da pregação, que, por sua vez, está totalmente ligado ao conceito da mesma. Ele então define sermão da seguinte forma:

Em uma definição mais abrangente, podemos afirmar que sermão é um discurso que comunica a palavra de Deus, visando a mudanças comportamentais nos ouvintes. Para cumprir sua função de comunicar a Palavra e persuadir os ouvintes ao arrependimento, o sermão, ou a prédica, há de ser acessível a ponto de ser plenamente compreendido. Não adianta ser um discurso repleto de profundos conceitos, apresentados em linguagem rebuscada; se não estiver ao alcance da compreensão do auditório, foi apenas um turbilhão de palavras: furacão que passou, sem nada de positivo deixar.¹⁸

Está definição caminha na mesma trilha que as citadas até o momento. No entanto, como foi observado acima, Moraes destaca o propósito da prédica de uma maneira bem clara, ou seja, persuadir para que haja mudança de comportamento. Parece simples, mas não é. A não ser que a mensagem seja acessível, esse propósito não será alcançado. O autor continua afirmando que “Deus tem falado através da pregação”.¹⁹ Ele discorre sua linha de raciocínio dizendo:

Antes de Jesus, grandes pregadores são encontrados no Antigo Testamento: Moisés, Elias, Isaias, Ezequiel, Daniel e Amós. A era da graça colocou a pregação em especial relevo. João, o Batista, preparou o caminho para o advento do Mestre, através da pregação.²⁰

¹⁷ PETERSON, Eugene H. *A linguagem de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2014. p. 19-20.

¹⁸ MORAES, Jilton. *Homilética: do ouvinte a prática*, São Paulo: Vida, 2013. p. 34.

¹⁹ MORAES, 2012, p. 19.

²⁰ MORAES, 2012, p. 19.

Isso mostra que a pregação não passou a ser considerada importante apenas quando Jesus vem ao mundo. Na verdade, ela sempre foi um método utilizado por Deus para salvar o seu povo. O pastor e escritor Carlito Paes concorda com a importância da pregação quando afirma: “pregue para transforma vidas! Pregue para mudar a vida das pessoas”.²¹ Mark Dever²² vai além ao afirmar que um dos papéis da palavra de Deus é dar vida. E isso se dá através da pregação. Não há dúvidas de que a pregação é indispensável à igreja.

Kirst traz ainda uma preciosa definição do teólogo Karl Barth sobre prédica que irá colaborar ainda mais para a compreensão desse conceito que é fundamental para toda pessoa que deseja executar esse precioso ofício de proclamar o que Deus fez e tem feito na história:

A prédica é a tentativa – ordenada à igreja – de servir à Palavra de Deus através de uma pessoa vocacionada para tal finalidade; e isso, de tal modo que um texto bíblico seja explicado em fala livre a seres humanos da atualidade, como algo que lhes diz respeito e como anúncio daquilo que eles têm a ouvir do próprio Deus.²³

Tomando como base a definição acima, Kirst defende que a prédica “é fala humana [...] de uma pessoa vocacionada pela igreja [...] proferida por incumbência de Deus [...] através do qual Deus mesmo se articula [...] que contém atualização [...] (e que é) exposta de modo inteligível a pessoas de nosso tempo”.²⁴ É importante citar que, para o autor, a pregação em suas variadas formas “é *conditiosinequa non* da existência cristã”.²⁵ Ele entende que

A igreja prega por que ela existe a partir de um Deus que fala; de um Deus que, de modo articulado é inteligível [...] A autoridade da pregação da igreja lhe vem da incumbência de Deus, que lhe exige o exercício da pregação, para que as pessoas ouçam a seu respeito, creiam nele e o invoquem.²⁶

Crawford Loritts faz outra observação importante, ao defender que existe algo que distingue a pregação de uma boa comunicação. Para ele:

É inerente à pregação um sentimento de autoridade divina que a distingue da boa comunicação. Os grandes pregadores são bons comunicadores, mas nem todos os bons comunicadores são necessariamente grandes

²¹ PAES, Carlito. *A igreja Brasileira Com Propósitos: a explicação que faltava*. São Paulo: Vida, 2012. p. 141.

²² DEVER, Mark. *9 Marcas de uma igreja saudável*. Jundiaí/SP: Fiel, 2009. p. 44.

²³ BARTH, 1966 apud KIRST, 2012, p. 17.

²⁴ KIRST, 2012, p. 17.

²⁵ KIRST, 2012, p. 11.

²⁶ KIRST, 2012, p. 11.

pregadores. E a diferença é a autoridade. Minha definição de pregação é que ela é uma palavra de Deus para as pessoas em um momento da história.²⁷

É extremamente interessante essa colocação, pois ela ressalta dois pontos inegociáveis da pregação. O primeiro é a autoridade, a qual reside na própria Escritura e no pregador vocacionado para tal função. O segundo diz respeito à necessidade de ser um bom comunicador, algo que está relacionado com a vocação e com o estudo da Homilética. Esse destaque de que pregadores devem ser necessariamente bons comunicadores é fundamental para a eficácia da tarefa ou do exercício da pregação.

Segundo Haddon Robinson, “tanto a Bíblia como o sermão são formas de literatura e ambas transmitem ideias”.²⁸ Logo, pregação seria a transmissão de ideias, de maneira clara e fiel. Essa definição se alinha de maneira geral a todas as demais definições citadas até aqui. Ele ainda afirma que, no que diz respeito à forma, “a pregação bíblica, em sua essência, é mais uma filosofia do que um método”.²⁹

1.3 A HISTÓRIA DA PREGAÇÃO

Após algumas definições e observações acerca do que vem a ser Homilética e pregação, se torna importante traçar um breve histórico da pregação para que se possa compreender como ela foi feita ao longo da história cristã e perceber suas características em cada momento, acentuando as variadas formas que ela tomou. Isso facilitará, ainda mais, o esclarecimento do que vem a ser pregação.

Essa tarefa de analisar a história da pregação é relevante, pois, como sugere Ramos, ao se observar a prática Homilética de Jesus e seus apóstolos juntamente com a dos primeiros líderes do cristianismo, compreenderemos com mais facilidade o conceito de pregação cristã. Para tal objetivo, o autor traça uma linha do tempo da pregação que engloba a pregação de Jesus, até o que ele vai

²⁷ ORITTS, Crawford. A pregação que eleva os nossos olhos: que tipo de pregação – que tipo de pregador – consegue levantar a barra para saltadores de baixa estatura. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Org.). *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. p. 40-41.

²⁸ ROBINSON, Haddon. Minha teoria da pregação: três ideias formam a minha abordagem à pregação. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Org.). *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. p. 67.

²⁹ ROBINSON, 2009, p. 67.

chamar de pregação da Idade Mídia. Segue abaixo o conteúdo referente à linha do tempo citada acima.

Pelos registros evangélicos, nota-se que Jesus pregava com simplicidade sobre uma grande variedade de temas e que conquistava a simpatia dos seus interlocutores. Nas páginas dos evangelhos, Jesus é sempre encontrado pregando: quer sejam pregações formais nas sinagogas; pregações ocasionais nas praias, pelos caminhos, sobre as montanhas e vales; ou pregações individualizadas dirigidas a pessoas com quem se encontrava nas casas, nas praças, alhures e algures.³⁰

Deve-se observar que o autor enfatiza que Jesus estava sempre pregando e que essa tarefa fazia parte da sua missão. Outra observação importante é o fato de que esse ofício não era feito de qualquer forma. Jesus priorizava uma comunicação que alcançasse o coração do ouvinte, estando ele na sinagoga ou na rua, sendo intelectual ou não. Jesus usava todos os recursos necessários para lograr êxito em sua missão, como afirma Ramos, desde metáforas até linguagem corporal. Outra questão apontada por Ramos é o fato de que

A força persuasiva da sua pregação é reforçada por seu modo de vida. A novidade da homilética de Jesus está, portanto, na sua práxis, isto é, na maneira como ele combina palavra e ação: é, portanto, uma homilética da vivência e da convivência.³¹

Logo após o modelo de pregação de Jesus, segue-se a forma como os apóstolos pregavam, dos quais se destacam Pedro e Paulo. Estes, talvez, foram os maiores expoentes da pregação cristã no período apostólico e, como tal, devem estar em evidência quando se sugere uma linha do tempo ou linha histórica da pregação cristã. Pedro lança boa parte dos fundamentos da pregação cristã feita não mais pelo Cristo, mas por seus discípulos. Estes residem no fato de se ter as Escrituras como base e de ter Jesus como o centro de tudo. Como colocado pelo autor, Cristo e sua vida devem ser as lentes com que se deve interpretar e pregar. Sobre este Luiz Carlos Ramos afirma:

Pedro evoca os escritos proféticos para fundamentar sua prédica. A seguir, interpreta a palavra profética a partir da vida e dos ensinamentos de Jesus.

³⁰ RAMOS, Luiz Carlos. A Conceituação da Homilética em perspectiva histórica. *LUIZ CARLOS RAMOS: textos e texturas*. 7 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://www.luizcarlosramos.net/a-conceituacao-da-homiletica-em-perspectiva-historica/>>. Acesso em: 15 maio. 2015.

³¹ RAMOS, 2011, [s.p.].

Mais do que re-interpretar o texto sagrado, o próprio Jesus é apresentado como o Messias a respeito de quem os textos sagrados se referem.³²

Paulo, por sua vez, traz elementos indispensáveis no processo de comunicação, como sugerido pelo autor. Ele estabelecia uma sintonia, um vínculo com sua audiência e era criativo para estimular os seus ouvintes a se interessarem pelo que ele estava falando. Um sermão pode ter uma boa teologia, ser cristocêntrico, mas, se não for capaz de ser compreendido pelo ouvinte, ele se torna ineficiente. Com isso, vemos que tanto o conteúdo como a forma devem andar juntos.³³Para o autor,

A pregação apostólica demonstrou ser emocionalmente contundente a ponto de enfrentar oposições de uma religião estabelecida, por um lado, e por outro, corajosa e persistente o bastante para disseminar e propagar suas convicções por grande parte do mundo conhecido nos primórdios da era cristã.³⁴

O próximo período a ser destacado é o que ele chama de “Homilética familiar e eloquente”,³⁵ o que seria “a pregação nos primeiros séculos”.³⁶ Neste período, a pregação ganhou uma forma mais sistematizada de discurso, o ensino expositivo perde lugar para o lógico e demarcado, a homilia informal dá lugar para o sermão que, por sua vez, é muito mais formal, argumentos simples e baseados unicamente nas Escrituras agora precisam de complementação por causa da erudição e o resultado da cultura retórica. “Nesse período, a prédica se caracterizou definitivamente como parte integrante da expressão litúrgica das comunidades cristãs”.³⁷

Com essas novas características, a pregação toma nova forma e se utiliza de outros elementos na sua execução, o que fez com que alguns pregadores se destacassem, como Jerônimo, Ambrósio e Agostinho, que se tornaram referência para as gerações posteriores no que se refere à Homilética, pois eram homens que tinham um grande conhecimento bíblico, gramatical e exegético bem como uma retórica apurada, dentro dos limites que o período histórico os colocava.³⁸

³² RAMOS, 2011, [s.p.].

³³ RAMOS, 2011, [s.p.].

³⁴ RAMOS, 2011, [s.p.].

³⁵ RAMOS, 2011, [s.p.].

³⁶ RAMOS, 2011, [s.p.].

³⁷ RAMOS, 2011, [s.p.].

³⁸ RAMOS, 2011, [s.p.].

O próximo período dessa linha do tempo é o medieval que é considerado por Ramos como o período de “uma Homilética mendicante”. A Idade Média vai do Império Romano (séc. V) até o surgimento do que ficou conhecido como o mundo moderno (séc. XV), um tempo em que a fé cristã se expande por toda a Europa, período no qual ocorre a transição da Patrística para a Escolástica. “O discurso familiar, simples e íntimo – foi substituído pelo discurso tópico (temático), bem ao gosto dos melhores pregadores gregos, e nos moldes da filosofia escolástica”.³⁹

Como se pode observar, esse foi um período de uma espécie de retrocesso no ofício da pregação, com algumas exceções. Trata-se de um tempo caracterizado por sequeidão e “trevas” dentro da história da pregação cristã. É exatamente neste contexto histórico que surge a pregação baseada na Reforma, que, como enfatiza Ramos, é “uma Homilética professoral”. “Os reformadores se viram às voltas com a ignorância do povo em geral e do clero em particular. Para enfrentar esse desafio, foram tomadas providências para que o púlpito se convertesse em um meio de instrução”.⁴⁰

“A Homilética moderna” acompanha a próxima onda de mudanças na história da pregação cristã. Ramos considera esse período o da pregação no tempo das missões caracterizado por uma Homilética conversionista e estrangeira:

A principal contribuição desse modelo é a demonstração enfática de que a comunicação do Evangelho não precisa ficar condicionada exclusivamente à dimensão lógico-verbal-oral ou literária, e que há muitas outras possibilidades, nas quais sejam envolvidos os sentidos e as emoções. A geração idade média não dá tanto crédito à persuasão lógico-argumentativa do discurso racional, mas está suscetível à sedução do apelo emocional-afetivo.⁴¹

1.4 A MISSÃO DA PREGAÇÃO

John Stott, mundialmente reconhecido como um excelente pregador, afirma que “expor as Escrituras é esclarecer o texto inspirado com tal fidelidade e sensibilidade que a voz de Deus seja ouvida e seu povo lhe obedeça”.⁴² Uma das palavras-chave dentro dessa definição de Stott é “esclarecer”. Esta é uma das

³⁹ RAMOS, 2011, [s.p.].

⁴⁰ RAMOS, 2014, [s.p.].

⁴¹ RAMOS, 2014, [s.d.].

⁴² STOTT, John. Uma Definição de Pregação Bíblica. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Org.). *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. p.27.

principais funções da Homilética: tornar claro o que está, de certa forma, obscuro, trazer luz sobre determinado assunto, neste caso, sobre o Evangelho de Cristo. A Homilética se ocupa em responder a seguinte pergunta: como esclarecer com fidelidade essa mensagem? E a resposta está na forma, pois o conteúdo já existe, a Escritura.

Outra palavra-chave da definição de Stott é a “fidelidade”, que, por sua vez, deve ser um compromisso com o conteúdo da mensagem e, de modo semelhante, um compromisso com o ouvinte, ou seja, o comunicador tem a responsabilidade de entregar a mensagem de maneira clara e fiel, fazendo com que a congregação entenda o que o texto enuncia, de uma forma que o mesmo faça sentido para a realidade prática em que esta comunidade se encontra. Stott enfatiza essa responsabilidade ao afirmar que “já que Deus falou, nós também precisamos falar, comunicando a outros o que ele nos comunicou nas Escrituras”.⁴³

Por fim, cabem algumas considerações sobre a “sensibilidade”. Stott defende que uma das obrigações na pregação do texto bíblico “é a sensibilidade para com o mundo”.⁴⁴ A pregação deve, neste aspecto, estar sensível às dores do mundo. Estas devem estar contempladas na pregação que, por sua vez, deve trazer respostas a essas demandas de desorientação e desespero em que os ouvintes vivem na atualidade. Para tanto, ela precisa transpor os abismos que existem entre mundo antigo relatado na Bíblia e o mundo contemporâneo.

Jay Kesler, por sua vez, ressalta outro aspecto importantíssimo, ao afirmar que “o objetivo fundamental da pregação é agradar a Deus”.⁴⁵ De acordo com o autor, “agradar a um Criador soberano significa descobrir o que ele deseja e, por meio de sua graça, fazer sua vontade”.⁴⁶ Neste caso, a pregação da Palavra de Deus precisaria ser feita do modo Dele, e isso precisaria ser o alvo dos pregadores. Ele entende que Deus nos diz o que pregar e como pregar. Os pregadores, neste caso, não teriam o direito de se desviarem dessas orientações.⁴⁷

⁴³ STOTT, 2009, p. 27.

⁴⁴ STOTT, 2009, p. 30.

⁴⁵ KESLER, Jay. Super alimentados, Subdesafiados: a mensagem precisa travar a batalha pela vontade. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Org.). *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. p. 37.

⁴⁶ KESLER, 2009, p. 37.

⁴⁷ KESLER, 2009, p. 37.

Jay Adams entende que “a pregação é uma responsabilidade sagrada”,⁴⁸ E, como tal, ela é inegociável. O autor em questão também enfoca, assim como os demais, a necessidade da clareza para se obter um resultado eficiente no ato da transmissão da mensagem. Também destaca que é necessário pregar com coragem, tendo a “liberdade para falar sem medo das consequências”.⁴⁹

Também falando sobre a missão da pregação, o Júlio César Adam cita Schleiermacher afirmando o seguinte:

Segundo Daniel Friedrich Schleiermacher, “na prédica se expressa a autoconsciência piedosa do pregador, cujo interesse seria introduzir a comunidade nesse sentimento piedoso e fazê-la sintonizar-se com ele. O pregador sai do meio da comunidade, colocando-se diante dela, e a faz participar, durante a prédica, do sentimento religioso”.⁵⁰

Para o autor, a missão da pregação consiste no ato de se falar, de se comunicar uma mensagem através da palavra, da fala, pois, nós só falamos e pregamos que entendemos e cremos que Deus fala e continua falando e se comunicando com o mundo. Deus fala através da criação, mas decidiu utilizar a fala humana para se comunicar, neste caso, ele necessita dessa voz. Para ele, existe “algo nesse Deus que fala que insiste em encarnar-se no mundo na e através da voz humana”.⁵¹ Toda a história do pregar está envolvida no processo da pregação, a vida do pregador é parte da pregação.

A missão da pregação consiste em se comunicar uma mensagem. Essa comunicação é feita através da fala, da voz, da boca, mas também é feita através de todos os aspectos da vida, pois a vida fala, comunica uma mensagem. Como ele mesmo afirma a vida de quem prega faz parte da pregação. O lugar onde ela está, as situações que Deus a permite passar, tudo faz parte da fala da vida que comunica uma verdade que perpassa o campo das ideias, uma mensagem que é viva, pois é a palavra do autor da vida.

⁴⁸ ADAMS, Jay E. A teologia e a pregação cheia de poder: nove convicções provenientes do cerne da pregação bíblica. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Org.). *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. p. 40.

⁴⁹ ADAMS, 2009, p. 40.

⁵⁰ SCHLEIERMACHER, 1850 apud ADAM, Júlio César. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v.53, n. 1, p. 160-175, jan./jun. 2013. p.164. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/650/799>. Acesso em: 18 fev. 2016.

⁵¹ ADAM, 2013, p. 165.

Adam ainda entende que a pregação deve edificar os ouvintes e desafia-los a se tornarem agentes engajados nas transformações culturais e sociais. Para ele, essa mesma pregação deve também dar conta de proporcionar os subsídios para ajudar as pessoas a responderem e apontarem saídas para as crises na atualidade, bem como alimentar a fé dos membros da igreja.⁵²

1.5 A MISSÃO DO PREGADOR

Como já foi afirmado, a Homilética é uma extraordinária ferramenta na busca pela excelência no ofício da pregação. Ela ajuda o pregador a cumprir sua missão. Stott contribui com o entendimento da missão do pregador, afirmando que é “nossa obrigação dupla como expositores bíblicos: esclarecer o texto inspirado das Escrituras tanto com fidelidade ao mundo antigo quanto com sensibilidade para com o mundo moderno”.⁵³ Para ele, o que faz um pregador autêntico é a combinação dessas obrigações. Assim, ele entende que o comunicador pode, a partir daí, “esperar ouvir a voz do próprio Deus”⁵⁴ e “esperar que o povo de Deus o obedecerá”.⁵⁵

Para cumprir a sua missão de comunicar o evangelho, o pregador tem a responsabilidade de se preparar e utilizar a Homilética da melhor forma possível. Logo é preciso compreender que também faz parte da missão do pregador a autopreparação, que necessariamente passará por sua espiritualidade. Mas também passará pela observação do seu contexto, cultura e sociedade, como afirma John Stott: “Precisamos nos esforçar para entender o mundo em que Deus nos chamou para viver, pois ele está mudando rapidamente. Precisamos sentir sua dor, sua desorientação e seu desespero”.⁵⁶

Moraes nos ajuda a saber por onde começar ao afirmar que “a autoridade da pregação não está na eloquência ou sabedoria do pregador, mas no fato de a mensagem apontar para Jesus”.⁵⁷ Não adianta conhecer as ferramentas, é preciso conhecer a própria mensagem, conhecer a Jesus, pois tudo se trata Dele; Ele é o centro, o ponto de partida e o lugar de chegada. Ele é a própria mensagem e não se

⁵² ADAM, 2013, p. 161.

⁵³ STOTT, 2009, p. 30.

⁵⁴ STOTT, 2009, p. 31.

⁵⁵ STOTT, 2009, p. 32.

⁵⁶ STOTT, 2009, p. 30.

⁵⁷ MORAES, 2012, p. 20.

pode esquecer “que somos porta-vozes do Senhor, simples instrumentos”,⁵⁸ mas cabe lembrar que não se fala do que não se conhece. Isso fala da necessidade de um estudo sistemático das escrituras e uma contínua vida de oração; ou seja, o que sustenta o pregador e sua mensagem é a comunhão com a Santíssima Trindade.

Todo pregador tem necessariamente a obrigação de manter uma vida de estudo bíblico teológico, pois o mesmo não se esgota. Aprouve a Deus em sua soberania se revelar às pessoas de uma forma mais clara através das escrituras, elas são a fonte de todo conhecimento que se precisa ter acerca do Senhor Jesus Cristo. Logo, o mensageiro precisa ter o conhecimento necessário para explicar o conteúdo deste sagrado livro para que o povo o entenda. Aqui não há espaço para a falta de diligência, pois “do nosso conceito de Deus e das experiências que temos com ele, resulta o tipo de sermões que pregamos”.⁵⁹

Loyd Jhones defende que o pregador precisa ler toda a Bíblia sistematicamente, e que o mesmo precisa evitar o perigo de ler apenas as passagens bíblicas que são de sua preferência, pois assim podem se tornar tendenciosos. Ele entende que toda a Escritura deve ser lida e que deve ficar subentendido que o pregador deverá estudar porções específicas das escrituras usando as ferramentas teológicas para uma correta interpretação das mesmas. Outro conselho que o autor dá é que o pregador precisa ler o texto sem o pretexto de encontrar um sermão; ou seja, deve-se ler na perspectiva do que Deus quer falar com ele, pois, no momento oportuno, o Espírito Santo irá mostrar-lhe o que deve ser pregado.⁶⁰

A oração pode ser pensada como a conexão direta entre o mensageiro e o dono da mensagem, não que ela seja a única forma de se conectar com Deus. Ela traz fé e convicção ao mensageiro do que Jesus quer que ele faça e fale, ela também fortalece nos momentos de fraqueza, edifica e apascenta o coração do pregador em momentos de crise e aflição. A oração aproxima o pregador do dono da mensagem. Ela é o combustível que o move até o seu Senhor. É inegociável, insubstituível e vital. Moraes corrobora com a importância da oração ao dizer que “o pregador precisa se distinguir acima de todas as demais pessoas como homem de

⁵⁸ MORAES, 2012, p. 20.

⁵⁹ MORAES, 2012, p. 28.

⁶⁰ LLOYD; Jones. *Pregação e Pregadores*. São José dos Campos - SP: Fiel, 2011. p.161.

oração”.⁶¹ Jhones ressalta que “a oração é algo vital na vida do pregador”.⁶² Ele afirma que, ao se ler as biografias dos maiores pregadores da história, se descobrirá que eles eram notáveis homens de oração.

O que deve ficar claro é que antes de preparar o sermão, o pregador precisa preparar a si mesmo, essa é a primeira tarefa segundo Jhones.⁶³ Ela não pode ser esquecida e muito menos preterida em relação a todo o processo de preparação da prédica. É uma tarefa que não se esgota, que é essencial, insubstituível.

Dallas Willard fala da necessidade do pregador encontrar satisfação em Deus. Para ele experimentar a Deus de modo satisfatório leva à satisfação em Cristo e conseqüentemente faz com que o portador da mensagem fale aos seus ouvintes com base nesta satisfação.⁶⁴ Segundo o autor, a satisfação que se encontra em Jesus Cristo é experimentada em tudo que se faz. Essa satisfação é encontrada na relação entre o pregador e Deus. E é um “divisor de águas” na vida do mensageiro e na entrega da mensagem, pois quem encontra satisfação em Deus prega e vive com entusiasmo.

Um importante fato que deve ser considerado e entendido dentro da proposta da preparação para o momento da liturgia da palavra é a compreensão de que “Deus prepara o trabalho para a pessoa, e prepara a pessoa para o trabalho; e, se nós lhe permitimos, ele os ajuntará na sua providência”.⁶⁵ Quando Deus decide formar um pregador ele está formando uma pessoa e, neste caso, é necessário compreender que o labor de se pregar não está desassociado da vida que os mensageiros vivem. Isso significa dizer que cada aspecto da história do pregador é pedagógico e faz parte do seu preparo para executar a tarefa da pregação.

Após observar os aspectos pessoais na preparação para se cumprir a missão, a pessoa responsável por pregar irá, então, fazer uso das ferramentas da homiléticas para escrever o seu sermão, sempre levando em consideração o que foi dito por John Stott quanto à fidelidade ao mundo antigo e a sensibilidade para com o mundo contemporâneo. Quanto aos passos para o preparo do sermão, estes não serão abordados neste trabalho porque não é este o objetivo desta pesquisa.

⁶¹ MORAES, 2012, p. 29.

⁶² LLOYD, 2011, p. 158.

⁶³ LLOYD, 2011, p. 156.

⁶⁴ WILLARD, Dallas. *Um cálice transbordante*: por que os pregadores precisam encontrar profunda satisfação em Cristo. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Org.). *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica*: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. p. 82.

⁶⁵ WIERSBE, 2009, p. 90.

CONCLUSÃO

Para concluir este capítulo é importante lembrar a importância de se compreender o conceito de Homilética para lhe dar a devida atenção e perceber a sua importância para a proclamação da Palavra de Deus no momento da liturgia da palavra. Também é de total utilidade não se esquecer de que a pregação carrega em sua definição importantes conceitos que ajudam a entender os seus propósitos, como por exemplo, vê-la como proclamação, ou o anúncio do que Deus tem realizado, como já foi visto.

Em último lugar, é de extrema importância compreender que a missão do pregador é a de comunicar a mensagem do evangelho com clareza, fidelidade e sensibilidade, mas compreender que dentro desta missão está o cuidado de si mesmo e a manutenção da sua vida devocional, para depois disto ele partir para o labor de escrever o seu sermão e anuncia-lo aos ouvintes no momento da pregação no culto público.

2 A PREGAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE: DESAFIOS E PRÁTICAS

INTRODUÇÃO

“Como transmitimos a antiga verdade a gerações que foram imergidas no pensamento pós-moderno desde a infância?”⁶⁶. Esta questão serve de base para o que se propõe neste capítulo. A priori, é importante definir o conceito de pós-modernidade que pode ser entendida como “a situação em que o mundo se encontra depois do colapso do projeto iluminista, que durou do final do século 18 até meados do século 20”.⁶⁷

Esse projeto girava em torno do interesse de se ver povos de todo o mundo, tendo uma visão racional de todas as coisas. No entanto, as coisas que eram vistas como seguras e estabelecidas passaram a ser questionadas e o antigo conjunto de ideologias formuladas na modernidade passou a ser visto como ferramentas utilizadas para servir aos interesses de quem está no poder. Essa mudança radical de cosmovisão marca essa transição da era moderna para a pós-modernidade.⁶⁸

Dentro deste prisma, iremos, então, abordar algumas características dos indivíduos da pós-modernidade e alguns equívocos que os pregadores têm cometido. Para tanto, também trataremos da pregação feita em igrejas midiáticas e em igrejas históricas na tentativa de descobrir se existe ou não uma desconexão entre a pregação e o indivíduo pós-moderno, bem como se o objetivo da pregação está sendo alcançado.

Não é o objetivo deste capítulo esgotar esse assunto tão vasto e complexo. É importante lembrar que, quando falamos em comunicação, seja ela evangélica ou não, é indiscutível o levantamento de aspectos culturais. Logo, nessa abordagem serão levantadas algumas questões referentes a influência da cultura contemporânea sobre os ouvintes, como se segue.

⁶⁶ MCQUILKIN, Robertson. *Conectando com Pós-modernos: o que adotar, o que adaptar e o que confrontar no pós-modernismo*. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Org.). *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. p. 210.

⁶⁷ HIEBERT, Paul G. *Transformando cosmovisões: uma análise antropológica de como as pessoas mudam*. São Paulo: Vida nova, 2016. p. 237.

⁶⁸ HIEBERT, 2016, p. 237.

2.1 ANÁLISE DO OUVINTE CONTEMPORÂNEO

Um dos desafios de quem deseja entregar uma mensagem é se fazer entender. Para que isso seja possível, é inegociável a tarefa de se conhecer a quem se dirige a referida mensagem. Isso será possível através de uma análise cuidadosa dos aspectos culturais em que se encontram essas pessoas, a quem se deseja comunicar. Esse exercício é de fundamental importância, pois possibilita a criação de um pano de fundo que otimiza o trabalho do mensageiro.

Com esse intuito, serão apontadas algumas características das pessoas que fazem parte dessa geração. É importante destacar que existem ainda inúmeras características que podem ser observadas e que existem outras ciências que podem otimizar essa análise, como por exemplo, a sociologia, psicologia, antropologia, etc.

2.1.1 AVERSÃO AO AUTORITARISMO

Robertson McQuilkin aponta o autoritarismo como um dos problemas encontrados na pregação do evangelho hoje. Ele entende que “se parecermos autoritários, isso é percebido como arrogância, e o resultado é falta de autenticidade”.⁶⁹ Essa afirmativa revela uma característica importante dessa geração, a saber, que ela não aceita o autoritarismo, que se caracteriza pelo abuso de poder. Esse comportamento autoritário é visto como arrogância, outra coisa detestável aos olhos da sociedade pós-moderna.

O comportamento autoritário pode ocorrer porque o emissor acredita ser o detentor da “verdade”, e, no afimco de ser ouvido, se excede e transmite essa mensagem com arrogância, tentando impô-la ao ouvinte. O autor revela que “às vezes, em relação aos pós-modernos, a forma em que nos posicionamos em relação à verdade pode no fim se provar tão influente como a própria verdade”,⁷⁰ ou seja, a forma pode chamar tanto a atenção como o conteúdo, e quando ela se apresenta de forma autoritária, é natural que as pessoas criem barreiras tanto para com o emissor como também para a mensagem.

A geração pós-moderna é herdeira da consciência da busca por liberdade e igualdade dos que militaram no passado, como pode ser visto na Revolução

⁶⁹ MCQUILKIN, 2009, p. 210.

⁷⁰ MCQUILKIN, 2009, p. 210.

Francesca que lutou contra o absolutismo no século XVIII, o Feminismo no século XIX que lutou pela igualdade da mulher e seus direitos e o movimento liderado pelo pastor norte americano Martin Luther King que reivindicava a igualdade racial no século XX.

Todas essas conquistas do passado contra autoritarismos fizeram com que as pessoas do século XXI não se conformassem com qualquer tipo de autoritarismo. Logo, é possível compreender que uma postura autoritária não é a melhor maneira de se dirigir a essas pessoas. É importante lembrar que o autoritarismo sempre será associado aos eventos que desencadearam as revoluções citadas a cima; ou seja, sempre será uma afronta aos direitos e liberdades das pessoas.

Essa é uma importante característica a ser observada antes de se colocar diante das pessoas para falar algo. Como se portar e a forma de se transmitir o que se pretende é muito importante nesse processo de comunicação com os ouvintes da contemporaneidade.

Isso é particularmente importante para o pregador do evangelho de Cristo. Ele precisa se portar de maneira que as pessoas não o vejam como alguém que deseja usurpar a liberdade, mas como alguém que propõe a liberdade e a dignidade das pessoas. Como alguém que luta pelos direitos dos oprimidos e que esteja engajado na libertação do ser humano de qualquer espécie de opressão e autoritarismo.

2.1.2 RAZÃO OU EMOÇÃO?

Como o indivíduo da pós-modernidade poderia ser classificado? Ele seria mais racional, dedutivo, lógico, ou ele teria mais tendência para o emocional, indutivo, sensorial? É importante observar essa questão, pois, a partir de sua análise, é possível pontuar mais uma característica das pessoas do século XXI, a quem se deseja comunicar uma mensagem, uma proposta evangelical.

McQuilkin afirma que os pós-modernos “não ficam impressionados com lógica ou evidências com relação a religião”.⁷¹ Isso significa que a maneira como os indivíduos pós-modernos pensam não é totalmente condicionada ao raciocínio lógico. E, acreditam nas proposições lógicas, mas querem saber o que essas

⁷¹ MCQUILKIN, 2009, p. 211.

verdades podem fazer na sua experiência vivencial. Isso muda radicalmente a maneira como o mundo moderno funcionava, pois, no Iluminismo, a resposta lógica era suficiente, bastava ser comprovada. Mas hoje isso não basta, pois, as pessoas estão dando mais valor às emoções e às experiências no processo de assimilação de uma mensagem.

É importante citar que, ao olhar para as Escrituras, McQuilkin afirma que teve “o maior prazer em descobrir que a Bíblia está repleta exatamente daquilo em que eles (os pós-modernos) estão interessados: experiência pessoal”.⁷² E não é qualquer tipo de experiência, é a experiência que transforma vidas. Por isso “realizamos um grande desserviço se não falarmos ao coração dessa geração”.⁷³ É preciso ir além do campo das ideias. Essa geração precisa viver na prática o que os dogmas e as doutrinas afirmam, é preciso transpor a barreira entre teoria e prática de uma maneira articulada e atual aproveitando o fato de que “o pós-modernismo recapturou o coração e nos abriu a nossas emoções”.⁷⁴

Neste contexto, seria imaturo afirmar que o ser humano hoje é totalmente emoção e nada de razão ou vice-versa. A questão mais importante em torno desse debate é compreender que as emoções precisam ser consideradas antes de qualquer movimento comunicacional na atualidade, bem como a razão, de maneira que os sermões, ao contrário do que se costuma ver em algumas denominações históricas, devem ser muito mais que ensino de doutrinas com um apelo a razão, eles devem alcançar o ser humano na sua integralidade e isso inclui as emoções. Não se trata mais de compreender as orientações da mensagem de Cristo, também é preciso experimentá-las.

2.1.3. GERAÇÃO CIBERNÉTICA

Uma característica inquestionável na geração atual é a sua ligação com a Internet. Os sites e as redes sociais expressam muito sobre as pessoas. No entanto, a Internet não apenas revela algo sobre a geração pós-moderna, ela também molda a cosmovisão de muitas pessoas, “a nova tecnologia, além de substituir a antiga,

⁷² MCQUILKIN, 2009, p. 211.

⁷³ MCQUILKIN, 2009, p. 211.

⁷⁴ MCQUILKIN, 2009, p. 211.

nos faz agir e pensar de formas diferentes”.⁷⁵ O impacto da Internet é profundo, “a mídia não é apenas um canal passivo de informação. Ela fornece o material para se pensar, mas também molda o processo de se pensar”.⁷⁶ Isabella de Araújo Garcia Simões ainda afirma que

A possibilidade de participação e a exclusão do universo digital, integrando-se ao processamento de dados e à geração de conhecimentos, ou mesmo estando à margem dessa dinâmica, afeta, sobretudo, a relação humana em que a comunicação se faz atuante, perpassando os aspectos antropológico, social e mesmo filosófico. São linguagens, usos, percepções sensoriais, novas identidades formadas e trocas simbólicas que estão emaranhadas em rede, que não descarta nem mesmo o aspecto econômico dentro dessas novas relações.⁷⁷

É oportuno ressaltar o que Steve Turner afirma sobre esse assunto: “Qualquer coisa dita sobre esse assunto será necessariamente provisória, à espera do veredito de pesquisas futuras e da própria história”.⁷⁸ No entanto, o fato de não termos certezas concretas sobre essa temática não exclui a atividade de pensar sobre ela e procurar investigar em que medida a Internet tem afetada a vida das pessoas na contemporaneidade.

Fato é que “em pouco tempo, o espaço virtual tornou-se uma parte importante de nossas vidas”,⁷⁹ e esse espaço e suas influências devem ser considerados na medida em que se procura estabelecer um ponto de contato com essas pessoas visando à comunicação de alguma mensagem. Frente a essas questões, alguns apontamentos podem ser feitos sobre as pessoas expostas a pressão da “revolução digital”.⁸⁰

Alexandre Matos da Gama lembra que, para Zygmunt Bauman, “o mundo virtual é extremamente atrativo na medida em que é possível estabelecer conexões com muita facilidade e desfazê-las na mesma proporção, fazendo com que tudo seja ‘breve, superficial e descartável’”.⁸¹ Sobre isso, Turner afirma: “Encontros reais

⁷⁵ TURNER, Steve. *Engolidos pela cultura pop: arte, mídia e consumo: uma abordagem cristã*. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2014. p. 181.

⁷⁶ CARR, 2008 apud TURNER, 2014, p. 181.

⁷⁷ SIMÕES, Isabela de Araujo. A Sociedade em Rede e a Cibercultura: dialogando como pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação. *Temática*, João Pessoa, ano 5, n. 5, [p. 1-11], maio 2009. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2009/Maio/sociedade_ciberespa%C3%A7o_Isabella.pdf>. Acesso em: 16 maio. 2016.

⁷⁸ TURNER, 2014, p. 181.

⁷⁹ TURNER, 2014, p. 180.

⁸⁰ TURNER, 2014, p. 179.

⁸¹ BAUMAN, 2011 apud GAMA, Alexandre Matos. On-line/Off-line: as relações sociais e a internet. *Colunas Tortas: mais que uma opinião*. [s.d.]. Disponível em:

requerem que mostremos mais de nós mesmos, enquanto virtualmente podemos escolher nosso melhor rosto e liberar apenas informações que aumentam nosso poder de atração”.⁸²

As colocações de Bauman e Turner evidenciam duas características elementares dos pós-modernos: eles têm dificuldades de estabelecer relações profundas e mudam de identidade com muita facilidade. Nada é concreto nessas relações, elas podem ser desfeitas sem a necessidade de aborrecimentos, o que dificulta a criação de vínculos profundos entre pessoas, algo que também se reflete nas relações familiares. Parafraseando o pensamento de Bauman, Gama afirma:

O principal atrativo do mundo online para os jovens é a ausência das contradições do mundo off-line. Os contatos podem ser excluídos com muita facilidade, o que na vida real seria desgastante, já que o vínculo é mais forte e o número de contatos tende a ser reduzido conforme o aprofundamento das relações.⁸³

As relações pessoais são substituídas por relações virtuais, outra realidade é estabelecida, um lugar onde a identidade das pessoas ganha contornos híbridos, mutáveis e líquidos. Neste contexto, é difícil definir uma identidade, essa identificação se torna flexível; ou seja, não é mais estática e rígida. “A própria identidade deve ser algo remodelável e descartável sempre que for necessário, caracterizando a liquidez do indivíduo moderno que não está atrelado a nada que seja absolutamente rígido e sólido”.⁸⁴

Esse tipo de relação virtual tem invadido as relações pessoais tornando-as superficiais e descartáveis, como apontado pelos autores citados. Algumas pessoas, por exemplo, colocam um ponto final em suas relações com a mesma facilidade com que encerram amizades no mundo virtual. Surge, então, a questão apontada por Bauman e reforçada por Gama: “A questão é saber se os indivíduos acostumados a tanta superficialidade serão capazes de interagir de forma plena e/ou eficaz nessa sociedade que ainda funciona em boa parte no modo off-line”,⁸⁵ ainda não temos uma resposta para essa questão, mas vale apenas observar a maneira como ela se constrói.

<<https://colunastortas.wordpress.com/2014/09/01/on-lineoff-line-as-relacoes-sociais-e-a-internet/>>. Acesso em: 16 maio. 2016.

⁸² TURNER, 2014, p. 183.

⁸³ BAUMAN, 2011 apud GAMA, [s.d.], [s.p.].

⁸⁴ BAUMAN, 2011 apud GAMA, [s.d.], [s.p.].

⁸⁵ GAMA, [s.d.], [s.p.].

Embora a crítica social de Bauman seja relevante para a compreensão do indivíduo da pós-modernidade, McQuilkin faz uma observação importante. Ele afirma que essas pessoas “querem se conectar, a comunidade supera o nosso individualismo moderno”.⁸⁶ Se, por um lado, as relações são superficiais, por outro, elas se tornaram mais possíveis com o fato das pessoas se tornarem mais acessíveis.

Outro ponto importante é a acessibilidade à informação que a Internet possibilitou as pessoas. “Antes da internet, uma grande quantidade de informação só poderia ser obtida se a pessoa tivesse dinheiro, contatos, associações, inscrições ou vivesse perto de arquivos e bibliotecas bem conservados”.⁸⁷ Houve uma espécie de democratização da informação, uma conquista notável, mas que também traz alguns riscos como a falta de confiabilidade ou a certeza da validade das informações. No entanto, isso revela que as pessoas podem facilmente se informar de determinado assunto, o que faz com que as pessoas que ensinam e que falam sobre determinado assunto estejam realmente preparadas, e também é verdade que essas informações podem servir para preparar o mensageiro, professor, pastor etc.

Diante do que foi exposto, os pregadores devem estar cientes desses fatos e a partir deles avaliarem as possibilidades de se estabelecer uma conexão virtual e pessoal com essas pessoas, desafiando-as a relações mais profundas e valorizando os benefícios que a vida cibernética traz. Eles também precisam estar atentos com o que dizem, precisam manter uma rotina de reciclagem para não ficar para trás no processo informativo. Vale ressaltar o que Ralph e Gregg Lewis afirmam:

Se não tomarmos drásticas medidas para mudar nossa pregação, cedo descobriremos que para nossos ouvintes a dimensão interior da vida parecerá estar cada vez mais remota, a realidade espiritual parecerá imaginária e o que deveria ser a viva crença na Palavra de Deus poderá tornar-se um mero nevoeiro subjetivo. Muitos dos jovens, os recém-convertidos e os inteligentes ambiciosos de nossa sociedade empírica já se sentem ignorados ou tratados de forma condescendente pela tradição institucional, sempre que nossos sermões dependem mais de exposições dedutivas do que de descobertas, sempre que nossa ênfase é exortar sem preocupar-nos com a exploração ou a experiência.⁸⁸

⁸⁶ MCQUILKIN, 2009, p. 211.

⁸⁷ TURNER, 2014, p. 183.

⁸⁸ LEWIS; LEWIS, 2003, p. 9.

2.2 PREGAÇÃO E SUA PRÁTICA: UMA ANÁLISE DA PREGAÇÃO NO SÉCULO XXI

Agora analisaremos a práxis da pregação em pelo menos dois contextos; na igreja midiática; ou seja, as que estão em grande evidência na TV, e nas comunidades históricas, por históricas se entende as igrejas oriundas da Reforma Protestante. O objetivo é perceber se estas comunidades estão logrando êxito na comunicação do evangelho de Cristo e encontrar os resultados práticos na vida dos ouvintes.

2.2.1 A PREGAÇÃO NAS IGREJAS MIDIÁTICAS

Luiz Carlos Ramos, como foi visto anteriormente, sugere que, no que se refere à pregação, estamos na Idade Mídia. O autor atesta que a pregação desse período não está preocupada com o conteúdo, como aconteceu anteriormente. E, por sua vez, está dando suas atenções ao que ele chama de “embalagem”. Neste contexto, como era de se esperar após a análise acima, há um deslumbramento e uma expansão do uso da tecnologia sem precedentes, e pode-se perceber uma transformação comunicativa do “verbal-oral-literário” para o “imagético-visual-icônico”. Esse deslocamento muda a maneira de percepção do ouvinte e exige do pregador novas maneiras de se comunicar.⁸⁹ De acordo com Ramos: “A comunicação midiática é essencialmente emocional. Pregadores/as que atuam nesse contexto se adaptam às expectativas da geração cibernética, que prefere narrativas imaginativas a discursos verbais abstratos”.⁹⁰

“A geração idade mídia não dá tanto crédito à persuasão lógico-argumentativa do discurso racional, mas está suscetível à sedução do apelo emocional-afetivo”.⁹¹ Ao perceber esse deslocamento, os pregadores da mídia se adaptaram a nova forma de comunicação. Essa adaptação foi fundamental para o crescimento dessas igrejas que continuam em diversos canais na TV, investindo um grande montante de dinheiro oriundo das ofertas dos fiéis.

Embora seja possível ver alguma contribuição neste contexto, como a necessidade de se fazer uso de meios tecnológicos para otimizar a pregação, o que

⁸⁹ RAMOS, 2014, [s.p.].

⁹⁰ RAMOS, 2014, [s.p.].

⁹¹ RAMOS, 2014, [s.p.].

se destaca são os problemas em que estão envolvidas a pregação na atualidade. Um dos principais perigos é o de a Homilética estar sendo moldada pela “sociedade do espetáculo”. Essa sociedade é movida pela economia de mercado globalizada e está aliada a todo um aparato tecnológico de comunicação em massa, que hoje desencadeia um processo de desumanização onde ser é substituído pelo ter que, por sua vez é substituído pela necessidade de se mostrar que tem.⁹² Isso acontece porque:

Os princípios espetaculares regem a homilética espetacular. Enquanto, na homilética convencional, as bases da prédica são as teologias bíblica, sistemática e pastoral, por meio dos processos exegéticos, hermenêuticos e retóricos, na homilética espetacular, essas bases são outras.⁹³

É muito importante entender como funciona o modelo de comunicação da pós-modernidade. Entretanto, o grande problema reside no conteúdo da pregação, que, como foi apontado por Ramos, não está com a suas bases na teologia bíblica, que desafia o ser humano a uma transformação integral. Pelo contrário, o que fica evidente, na afirmação do autor citado, é que a pregação na igreja midiática, ou seja, nas igrejas que estão utilizando os meios de comunicação em massa para alcançar o maior número de pessoas, é condicionada por preferências.

Em uma palavra, a hermenêutica da mídia é determinada pelos órgãos de pesquisa de opinião pública que medem os índices de audiência e de prestígio dos programas veiculados pela mídia. Daí a necessidade dessa homilética de trabalhar com os mesmos mecanismos de sedução da mídia: o apelo ao narcisismo, os estereótipos, o mecanismo de transferência de valores e o fascínio das estrelas, para mencionarmos apenas alguns.⁹⁴

Os ouvintes não são preparados para lidar com as demandas da vida nestes contextos de pregação. Com “demandas da vida”, entende-se a pobreza tanto econômica como educacional, afetiva e espiritual. Ainda poderíamos citar as contendas no trabalho, a crise financeira e familiar, as enfermidades e etc. O que se prega nas igrejas midiáticas está, aparentemente, distante do dia-a-dia das pessoas.

Enfim, diante do que é exposto por Ramos, percebe-se esses fatos que demonstram o abismo que existe entre a vida pratica dos ouvintes e a pregação nas igrejas midiáticas. Embora os responsáveis pela pregação nessas comunidades

⁹² RAMOS, 2014, [s.p.].

⁹³ RAMOS, 2014, [s.p.].

⁹⁴ RAMOS, 2014, [s.p.].

consigam manter um grande número de fiéis por trabalharem com tecnologias que tornam a mensagem mais atrativa e por promoverem um culto “espetáculo” que envolve o ouvinte emocionalmente, essas igrejas e seus pregadores têm encontrado dificuldades de trabalharem com o conteúdo do evangelho que propõe outro tipo de mensagem, visando a transformação integral do indivíduo e da sociedade que o cerca.

Aparentemente, os pregadores das igrejas da mídia não conseguem manter essa Homilética se alterarem o conteúdo, pois, como visto, os princípios hermenêuticos estabelecidos para esse tipo de pregação estão distantes do que é proposto pelas igrejas históricas. Embora usem a tecnologia e trabalhem com a emoção, o fazem sem compromisso com a teologia bíblica, que, por sua vez, é altamente comprometida com as mudanças integrais mencionadas acima. Percebe-se, então, que esse modelo de pregação não se propõe a fazer o que vimos no primeiro capítulo deste trabalho, ou seja, comunicar com clareza e fidelidade a mensagem do evangelho de Jesus Cristo e promover mudanças integrais na vida individual e social do ouvinte que passa a se engajar na missão de redimir a criação.

2.2.2 A PREGAÇÃO NAS IGREJAS HISTÓRICAS

Agora nos deteremos em analisar a pregação feita em igrejas históricas, ou seja, aquelas oriundas da Reforma Protestante. Como foi mencionado, essas igrejas têm um compromisso com a hermenêutica bíblica, mas será que isso basta? Veremos então se a pregação feita nessas igrejas tem cumprido o seu objetivo, de se levar com clareza e fidelidade a mensagem de Cristo e persuadir as pessoas a uma mudança comportamental, seguindo as propostas de Jesus de uma transformação integral do ouvinte e do seu contexto social através do mesmo como agente de transformação social.

Abordando de maneira direta as denominações históricas e tradicionais, Júlio César Adam aponta um dos grandes problemas que tem sido ignorado por muitos, mas que tem trazido um grande prejuízo para essas igrejas. Ele afirma que

No que se refere à pregação cristã, a sociedade da informação tem gerado uma situação de crise e de mal-estar nas igrejas evangélicas históricas. A pregação cristã nessas igrejas parece não comunicar de forma eficaz o Evangelho e, conseqüentemente, não alimentar a fé de seus membros. Concretamente, há um esvaziamento dos cultos das igrejas evangélicas

históricas, onde se mantém a prédica clássica. A prédica do culto parece comunicar em outra frequência, estranha aos ouvidos da comunidade. O sermão não surte os efeitos sociais, culturais, espirituais de outrora. Mesmo que fundamentado bíblica e teologicamente, o sermão parece não edificar a comunidade.⁹⁵

Essa tem sido uma das maiores dificuldades das igrejas tradicionais. E, de fato, parecem estar em outra frequência, não comunicam a mensagem de forma clara. Com isto, está pretende-se dizer que a forma como a pregação tem sido feita, a linguagem que tem sido utilizada, não é atraente para o ouvinte e não o motiva a mudança. Ainda que tenham conteúdo teológico, falta-lhes a linguagem adequada para transmitir o conteúdo bíblico pretendido. Adam continua sua análise sobre a pregação no contexto brasileiro afirmando que:

Há um mal-estar em relação à prédica e ao sermão. Esse mal-estar já perdura faz algum tempo. Podemos dizer que há um mal-estar na igreja como um todo[...] Como percebemos esse mal-estar? [...]A prédica – em sua forma e conteúdo – não comunica o que deveria comunicar. Há um esvaziamento daquelas igrejas históricas que mantêm um determinado estilo de pregação, a prédica clássica[...] A prédica, além de não comunicar, não agradar, não surte os efeitos sociais, culturais, espirituais de outrora. Não alimenta como alimentou. Não mais ajuda a responder e apontar saídas diante das crises dos novos tempos. Nem mesmo edificar comunidades essa prédica parece ter conseguido.⁹⁶

Adam mostra que as igrejas históricas precisam refletir sobre a pregação e pensar em uma alternativa, uma nova forma de se comunicar a mensagem, talvez uma reforma da forma como a pregação tem sido feita ao longo de toda a história. O que ele faz é refletir sobre um problema que tem esbarrado na sacralização da forma sermônica, uma prática ainda presente em muitas comunidades históricas. O que ele sugere é que a forma deve estar em constante movimento. E, não pode ser estática, porque a sociedade não é estática, e a igreja está inserida nesta sociedade, faz parte dela, se comunica e usa os mesmos signos linguísticos que ela.

Assim como as prédicas das igrejas midiáticas, Adam mostra que a pregação clássica não tem respondido as demandas da vida das pessoas, como por exemplo, as crises em que as pessoas estão inseridas nesse novo tempo chamado de pós-modernidade. Ele ainda infere que a pregação não comunica o que deveria comunicar para surtir os efeitos pretendidos na sociedade, na cultura e na vida

⁹⁵ ADAM,2013, p. 160.

⁹⁶ ADAM,2013, p. 161.

espiritual dos ouvintes. Pelo que o autor citado percebe, essas pregações também não estão edificando a fé dos ouvintes.⁹⁷

A partir desta percepção de Adam, fica evidente que a pregação nas igrejas históricas também não tem surtido os efeitos ou os objetivos como foi apontado no primeiro capítulo. Neste caso, especificamente, o problema não está no conteúdo, mas na forma em que ele tem sido apresentado. Já foi observado que os ouvintes a quem os pregadores se dirigem são diferentes e estão numa cultura caracteriza por uma nova forma de linguagem, e se a prédica não observar e acompanhar essas mudanças ela continuará provocando o mal-estar apontado pelo autor.

Para colaborar com as percepções de Adam, vale citar algumas das percepções que Moraes teve ao fazer uma pesquisa que busca ouvir o que os ouvintes têm a dizer sobre a pregação nas igrejas históricas. Esse trabalho se tornou uma obra literária intitulada “O Clamor da Igreja” e fez com que o autor provocasse os pregadores, mostrando que “um bom pregador possui não apenas a habilidade de falar bem, mas, de igual modo, a de ouvir bem”.⁹⁸ Moraes quer que os pregadores entendam que o *feedback* dos ouvintes é importantíssimo para se avaliar se o propósito da pregação está sendo atingido. Segue abaixo algumas citações colhidas pelo autor em questão que ajudarão a pontuar alguns causadores de ruídos na pregação:

O meu pastor diante de qualquer crítica ou sugestão para melhorar, simplesmente finge que ninguém está falando com ele.

Já tentei falar com o pastor sobre a pobreza dos sermões dele, mas, antes que eu terminasse o raciocínio, ele fingiu estar passando mau; quando eu mudei de assunto, não crítico, ele se recuperou automaticamente.

Quase não aguentei ouvir o sermão; só não me retirei porque estava assentado bem na frente.⁹⁹

Note que as queixas dos ouvintes estão relacionadas à dificuldade que os pregadores têm de ouvir críticas sobre suas pregações. Talvez isso possa ser ocasionado por orgulho; afinal, quem está falando, ou melhor, criticando é um leigo. No entanto, por trás de cada uma dessas críticas dos ouvintes existe uma possibilidade de aprendizado por parte do pregador. Ele poderia ter outra postura diante dessas colocações dos ouvintes e observar no que está deixando a desejar e mudar, corrigir o que for necessário para que a mensagem seja entregue com

⁹⁷ ADAM, 2013, p. 161.

⁹⁸ MORAES, 2012, p. 21.

⁹⁹ MORAES, 2012, p. 24.

fidelidade e clareza. As queixas não param por aí, Moraes ainda cita que os ouvintes reclamaram que

Faltou ordem ao sermão, tudo parecia fora de lugar.

Para onde a mensagem caminha? Prolonga-se e não chega a lugar nenhum.

Fico indignado quando o pregador tem dificuldade para desenvolver seu próprio esboço; parece até que não foi o autor das anotações sobre as quais tenta pregar.¹⁰⁰

O que se pode perceber com a citação é que alguns pregadores não sabem preparar e organizar um sermão. Falta-lhes *Homilética*, mas é preciso considerar que muitos não foram bem preparados para lidar com os ouvintes contemporâneos, pois as referências bibliográficas de muitos seminários não estão atualizadas a ponto de lidar com problemáticas atuais. Ainda existem aqueles que estão desmotivados por não verem as mudanças que esperavam quando assumiram o ministério. Em outros casos, há uma necessidade de uma reciclagem *Homilética*, pois, talvez, esses pregadores não tenham aprendido a preparar um sermão.

Vale lembrar que a Homilética depende essencialmente do Espírito Santo para lograr êxito no seu objetivo de entregar a mensagem do evangelho, porém, desconsiderar a Homilética usando como justificativa que a unção do Espírito Santo, através da oração e do jejum, irá fazer com que os ouvintes sejam alcançados é desonestidade com o ministério da palavra.

O sermão foi um amontoado de repetição e quase nada de conteúdo. Para completar, ele já havia pregado o mesmo sermão alguns meses antes.

O sermão não trouxe nada de prático; de tudo que ouvi, não aproveitei nada para a minha vida pessoal.

As pessoas dormiam, conversavam, andavam de um lado para o outro, e ele continuava pregando, como se nada tivesse acontecendo.¹⁰¹

Sermões repetitivos, sem conexão com a vida cotidiana, e enfadonhos. É essa a descrição da pregação feita em algumas igrejas, endossando ainda mais o que foi dito por Adam. Outro apontamento importante é que, em algumas igrejas históricas, os ouvintes têm reclamado da falta de conteúdo. Talvez, isso está associado ao grande acúmulo de informação que a Internet proporciona às pessoas

¹⁰⁰ MORAES, 2012, p. 33, 35, 36, 39, 40, 41, 46.

¹⁰¹ MORAES, 2012, p. 54, 63, 80.

e a não atualização por parte dos que pregam para esses ouvintes, algo já pontuado neste trabalho anteriormente.

Ele fala agressivamente, gesticula com o dedo indicador apontando para o povo e fala em tom acusatório.

O sermão foi comunicado com o ânimo de um vendedor que não ganha comissão e detesta o que faz.¹⁰²

A agressividade é de fato um problema e a sua rejeição por parte dos ouvintes está associada ao que foi dito como característica do ouvinte pós-moderno, a saber, a não aceitação do autoritarismo. Agressividade e autoritarismo estão continuamente ligado um a outro, e, como se pode ver, cria barreiras ou abismos entre o comunicador e o ouvinte, o que afeta radicalmente o processo de comunicação. E, mais uma vez, é possível notar que a falta de ânimo afeta a entrega da mensagem ao pregar, esta pode estar associada às frustrações, à desmotivação e à falta de resultados. Mas também pode ser um sintoma de esgotamento físico e espiritual do pregador, algo que deve ser pesquisado mais a fundo, o que não está proposto neste trabalho.

CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto neste capítulo, pode-se chegar a algumas conclusões primárias. Primeiro, houve uma mudança significativa no indivíduo da pós-modernidade. Este fato altera radicalmente a maneira como as pessoas pensam, se comunicam, se relacionam umas com as outras e como elas administram o tempo nas diversas atividades cotidianas, entre outras. Isso mostra que existe uma necessidade de se estudar esses ouvintes e procurar a melhor forma de se comunicar com eles.

Uma segunda conclusão que é possível inferir, é que a pregação midiática, embora consiga capturar o coração dos ouvintes por ser atrativa, não está equilibrada com o conteúdo teológico bíblico que propõe um outro tipo de vida para os ouvintes, distante do que a Homilética do espetáculo propõe. Logo, não se pode observar as mudanças propostas por Jesus no seu evangelho na vida das pessoas que pertencem ou passam por essas comunidades.

¹⁰² MORAES, 2012, p. 80, 83.

Outra conclusão possível é a de que as igrejas históricas também não estão conseguindo obter os resultados pretendidos, pois a sua pregação está distante das demandas da vida dos ouvintes. Elas têm a teologia bíblica para falar corretamente sobre a mensagem do evangelho, mas elas não trazem respostas às crises da vida humana. Diante disso é preciso encontrar uma maneira de se comunicar a mensagem corretamente e ao mesmo tempo arrebatá-lo o coração.

É importante ressaltar que “forma e conteúdo são aspectos fundamentais no processo de comunicação, e não podem ser desconsiderados, nem sequer eliminados, sob pena de inviabilizar a própria comunicação”.¹⁰³ Essa relação é de extrema importância para a igreja, se ela deseja comunicar a sua mensagem de maneira eficaz, pois “a Homilética da igreja do futuro terá que levar cada vez mais a sério a relação dialético-sintética entre meio-e-mensagem. O bom conteúdo merece a melhor embalagem, a ser veiculado pelos canais mais eficientes”.¹⁰⁴

Sabendo disso, no próximo capítulo será proposta uma forma que pode conseguir unir as duas coisas e, ao mesmo tempo, ser viável para o ouvinte da pós-modernidade, visto que esta forma de comunicação está presente no cotidiano das pessoas que por sua vez, estão em constante contato com essa maneira de se comunicar uma mensagem: a narrativa.

¹⁰³ RAMOS, 2014, [s.p.]..

¹⁰⁴ RAMOS, 2014, [s.p.]..

3 O SERMÃO NARRATIVO: PREGANDO A MENTE E AO CORAÇÃO

INTRODUÇÃO

“As histórias se abriram como cortinas de um palco e mostravam o contato íntimo de Deus com os seres humanos”.¹⁰⁵ De fato, as narrativas dão essa sensação de cortinas abertas e o palco tomado pelos atores em ação. Além disso, mostra na prática como se deram certos acontecimentos, ainda que não se estivesse presente no acontecido no momento histórico em que ele se deu. As histórias permitem viagens, consideradas impossíveis por transcender o tempo e o espaço através da imaginação, além de aguçar a criatividade do ouvinte ao instiga-lo a montar em sua mente o pano de fundo no qual a história acontece. Outra vantagem é que as narrativas usam, normalmente, a linguagem cotidiana e familiar e isso aproxima ainda mais o ouvinte do locutor

Nos capítulos anteriores, observamos e definimos coisas importantes como o que vem a ser a Homilética, sua missão e a sua importância para que o pregador seja eficiente no seu chamado à pregação do evangelho. Em seguida, percebemos a situação do indivíduo e da pregação no contexto pós-moderno de forma mais específica. Foram apontados problemas que se colocam como barreiras entre o locutor e o ouvinte, que impedem a compreensão correta da mensagem e também foi visto que muitos dos ruídos que existem acontecem por uma falta de compreensão do pregador quanto à forma ideal para se comunicar um sermão com fidelidade e sensibilidade.

Diante disso, esta pesquisa sugere que uma possível forma de se ter sucesso com a pregação na atualidade seria voltar a utilizar um modelo de pregação muito antigo, mas não ultrapassado. Um modelo que se mostrou, e tem se mostrado ao longo da história, eficaz e envolvente, arrebatador e instigante. A *pregação narrativa* teria os elementos necessários para se diminuir a quantidade de ruídos existentes entre o pregador e o ouvinte e isso por razões históricas e epistemológicas.

¹⁰⁵ JAGNOW, Dieter Joel. *Pregação criativa: um manual teórico-prático sobre criatividade e variedade na pregação cristã*. Porto Alegre: Editora Concórdia, 2010. p. 122.

A pregação narrativa é um modelo indutivo de pregação que tem como objetivo tornar a mensagem mais clara para quem a ouve, pois ela se compromete a dar vida a proposições fundamentais da fé cristã. Segue-se, então, alguns pontos que corroboram com a necessidade do uso da pregação narrativa na contemporaneidade. Começaremos então com a relação entre a narrativa e o ser humano ao longo da história.

3.1 A RELAÇÃO ENTRE A NARRATIVA E OS SERES HUMANOS

Iuri Andréas Reblin, discorrendo a respeito do gênero narrativo, mostra o quanto ele está presente na formação da vida humana desde os primórdios da história da humanidade. As histórias e as estórias, neste caso, fazem parte da construção de uma cosmovisão desde o tempo mais remoto. Iuri afirma que:

O fato é que o ser humano conta histórias desde os tempos mais remotos de sua biografia. As gravuras, as imagens pictográficas encontradas em cavernas, paredes e vasos em expedições arqueológicas, o imaginário popular da narração de histórias ao redor de uma fogueira, difundido pela literatura, pelo cinema, ilustram o quanto o ser humano está atrelado ao ato de contar histórias[...] As narrativas, pois, ocupam um lugar central na vida humana e na constituição de seu universo simbólico.¹⁰⁶

Ao se analisar as afirmações feitas por Reblin, pode-se notar que o gênero narrativo é um meio de se comunicar universal, está presente em todo contexto onde se tem seres humanos, é utilizado pelos mais cultos, mas também pelos mais incultos, é cognoscível tanto a homens e mulheres maduros como a crianças; é atrativo, arrebatador, empolgante e estimulante. As histórias e as estórias, ou a história de ficção, fazem parte da construção da identidade do ser humano, faz parte do que ele é e construiu, o que ele se tornou, faz parte da sua realidade, ou melhor, construiu a sua realidade. Neste caso, também é importante lembrar o que diz Antônio Magalhães: “não nos livramos da história para criar o discurso; cada texto é um discurso e cada discurso é a história contada, interpretada, entendida como a realidade”.¹⁰⁷ Ou seja, não existe contradição entre uma narrativa e a realidade, isso porque a realidade é formada pelas histórias narradas. Também vale lembrar o que Ralph e Gregg Lewis expressam sobre a forma como as pessoas aprendem:

¹⁰⁶ REBLIN, Iuri Andréas. *O Alienígena e o Menino*. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2015. p. 81.

¹⁰⁷ MAGALHÃES, Antônio. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 165.

Como aprendem? Eles – nós – todos aprendemos da mesma forma. Aprendemos primeiro por nossa própria experiência e a dos outros que nos servem de modelo. Comparamos. Contrastamos. Catalogamos em nosso banco de dados, a memória. Todas as coisas são filtradas por nossa própria peneira individualizada.¹⁰⁸

Observe que o cerne da questão é a experiência, ela possibilita a visualização de determinados acontecimentos que faz o cérebro compreender e catalogar as informações e, assim, produzir conhecimento. Essa é a mesma dinâmica promovida pelas narrativas, elas indutivamente e de maneira eficaz, têm esse poder de assimilação que contribui para um aprendizado mais consistente. O autor continua afirmado que:

As contínuas pesquisas de psicólogos e educadores continuam a esclarecer-nos o aprendizado humano. Alguns desses pesquisadores concluíram que os humanos aprendem somente por participação, por envolvimento. Eles insistem que ninguém aprende unicamente por comunicação verbal; o que é ensinado deve fixar-se à nossa realidade pela experiência.¹⁰⁹

Mais uma vez, ele mostra a necessidade de participação no processo de aprendizagem. Esse envolvimento é fundamental, era exatamente isso que acontecia nos primórdios da história. Desde o início, esse modelo tem se mostrado eficaz, pois, ao se contar uma história, imediatamente o ouvinte se sente parte dessa experiência contada. Ralph e Gregg Lewis cita Bernice McCarthy que atesta:

A Dra. Bernice McCarthy, num livro inovador, *The 4-MAT SYSTEM* (Oakbrook, Illinois, Exel, 1980), examina oito caminhos para aprender. Após debater pontos de vista de psicólogos e educadores, ela resume o trabalho de dezoito pesquisadores, e conclui que a audição atua como ingrediente dominante em somente um dos estilos de aprendizagem; o ideal é que sejamos treinados para reagir a todos os estilos, não apenas ao verbal.

Ela diz que[...] De cada dez estudantes juniores do curso secundário, ela encontra oito ou nove incapazes de lidar com o raciocínio formal. Seis dentre dez alunos secundários preferem a experiência concreta ao pensamento abstrato.

O ensino deve tornar-se tanto tradicional como humanista, tanto intelectual como indutivo, tanto centrado no conteúdo como no aluno, voltado tanto para a mente como para o coração.¹¹⁰

É notório o fato de o modelo indutivo de aprendizagem lograr mais êxito. Isso é percebido não apenas por leigos que preferem ouvir uma história a uma palestra, mas também por cientistas e pesquisadores da área que, ao analisarem a

¹⁰⁸ LEWIS; LEWIS, 2003, p. 36

¹⁰⁹ LEWIS; LEWIS, 2003, p. 38.

¹¹⁰ LEWIS; LEWIS, 2003, p. 38-39.

história e o funcionamento do cérebro no processo de aprendizagem, chegam às mesmas conclusões práticas de quem prefere ouvir uma narrativa por ser mais interessante e por possibilitar uma experiência que produz conhecimento.

Citando Rubem Alves, Reblin compreende que as “histórias de ficção são capazes de estabelecer uma rede de relações entre aquelas pessoas que se envolvem com suas narrativas”.¹¹¹ Isso é extremamente significativo, pois isso fala da importância da narrativa na construção de relações. Sociedades se identificam e são formadas, tem os seus alicerces, através de suas histórias, pois as mesmas representam quem o grupo social é. Outro aspecto importante dessa citação é o fato de haver um envolvimento entre o contador de histórias e o ouvinte. Isso faz com que a comunicação seja mais precisa e diminui os ruídos que comprometem, em muitos casos, a entrega de uma mensagem.

Ralph e Gregg Lewis afirmam que:

Todo mundo aprecia uma história. E através dos séculos os bons narradores geralmente pregaram para assistência de números acima da média. A narrativa convida ao envolvimento. Ela prende o interesse e adia a frase-clímax até que o orador e o ouvinte cheguem juntos à conclusão. Assim, uma história pode indutivamente levar o ouvinte em direção a uma conclusão em cooperação, sem ter ele que se pôr na defensiva para proteger ou provar a proposição do orador. Pelo contrário, a atenção reside inerentemente na narração, à medida que presentes ouvem e aceitam a mensagem expressa em forma de história.¹¹²

Reblin ainda cita outro pensador muito importante, Umberto Eco, que segundo o autor, “também vai entender o porquê de as pessoas contarem histórias ao longo de suas vidas, de as pessoas lerem, ouvirem ou assistirem contos de ficção”.¹¹³ Reblin faz uma citação de Eco que afirma que

As crianças brincam com boneca, cavalinho de madeira ou pipa a fim de se familiarizar com as leis físicas do universo e com os atos que realizarão um dia. Da mesma forma, ler ficção significa jogar um jogo através do qual damos sentido à infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou vão acontecer no mundo real. Ao lermos uma narrativa, fugimos da ansiedade que nos assalta quando tentamos dizer algo de verdadeiro a respeito do mundo.

Essa é a função consoladora da narrativa – a razão pela qual as pessoas contam histórias e têm contado histórias desde o início dos tempos. E

¹¹¹ ALVES, 2005 apud REBLIN, 2015, p. 83.

¹¹² LEWIS; LEWIS, 2003, p. 49-50.

¹¹³ REBLIN, 2015, p. 83.

sempre foi a função suprema do mito: encontrar uma forma no tumulto da experiência humana.¹¹⁴

As narrativas dão sentido às coisas da vida. Aliás, é uma narrativa específica que traz significado à vida: a narrativa que conta a história da humanidade que pecou e que foi salva por um Deus que a amou a ponto de entregar o seu Filho para morrer por ela. Essa é a narrativa mais significativa que uma pessoa pode conhecer e nada muda o fato de que é uma narrativa, uma história que tem sido contada e recontada ao longo de séculos e que faz com que um grande número de pessoas de diversas etnias, línguas e culturas se identifiquem e se reconheçam participantes dessa história.

Reblin também mostra que “o elemento fundamental nesse processo de constituição do mundo humano e do ser humano em si (isto é, de tornar possível a este dizer a si mesmo quem ele é) reside na capacidade do ser humano de”,¹¹⁵ citando Durkheim, “conhecer o ideal e de acrescentá-lo ao real”.¹¹⁶ Para Reblin, “o ser humano é o que é, faz o que faz por possuir capacidade imaginativa”.¹¹⁷ E a imaginação tem uma importante função na construção do ser humano porque ela “possibilita ao ser humano ir além dos limites de seu corpo. Ele é capaz de criar mundos. E é nessa direção que a cultura, o universo de sentido e os valores emergem”.¹¹⁸ Pois, “fazer incursão no poético não significa abrir mão de nenhum aspecto existente dentro do discurso. O romance, o conto, a poesia continuam sendo um debate com a própria história e com a sociedade na qual essa história se desenrola”.¹¹⁹

A esse respeito Magalhães torna a acrescentar que:

Personagens aparentemente fictícios tornam-se protagonistas de nossas histórias, e os considerados verdadeiros personagens da história são constantemente tornados fantásticos pelo poder que temos de mitificá-los e transformá-los em heróis ou vilões. A história real é sempre fantasiada e a ficção sempre fala de relações e sujeitos dentro de uma jornada histórica[...] Não existe memória histórica sem a presença da transformação mítica dos acontecimentos, isso porque só guardamos os chamados “fatos” que servem aos nossos imaginários e às ideologias que defendemos. A

¹¹⁴ ECO, 2006 apud REBLIN, 2015, p. 83-84.

¹¹⁵ REBLIN, 2015, p. 87.

¹¹⁶ DURKHEIM, 1989 apud REBLIN, 2015, p. 87.

¹¹⁷ REBLIN, 2015, p. 87-88.

¹¹⁸ REBLIN, 2015, p. 88. Cf. também REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores... o pensamento teológico de Rubem Alves*. 2. ed. ver. ampl. São Leopoldo: Oikos, 2014. p. 109ss. Disponível em: <http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/REBLIN-Outros_cheiros.pdf>. Acesso em 10 maio. 2016.

¹¹⁹ MAGALHÃES, 2000, p. 168.

história é preservada porque existe um constante processo de preservação mítica dos acontecimentos e das pessoas, e os mitos só se mantêm porque integram a história de vida das pessoas. Mito não pode ser compreendido sem a construção da história, e esta não pode ser entendida sem a sua preservação mítica.¹²⁰

Reblin cita Roland Barthers que afirma que “a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma, povo sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas”.¹²¹ Segundo o autor, “se Clifford Geertz afirmou que não há nem cultura sem ser humano nem ser humano sem cultura, o mesmo é possível afirmar em relação às histórias”.¹²² Isso porque, como já foi visto, as histórias fazem parte do que o ser humano é e de como ele se apresenta a sociedade e até mesmo de como ele a enxerga e se relaciona com ela.

As histórias contadas, vividas, inventadas e reinterpretadas são parte integrante da cultura, das tessituras e nuances que a forjam, uma marca indelével da vida humana. A narratividade – a atividade, o ato de narrar – e as narrativas ocupam um lugar e desempenham um papel crucial na vida humana.¹²³

Reblin cita Eisner que colabora com a essa visão ao afirmar que:

O ato de contar histórias está enraizado no comportamento social dos grupos humanos – antigos e modernos. As histórias são usadas para ensinar o comportamento dentro da comunidade, discutir morais e valores, ou para satisfazer curiosidades. Elas dramatizam relações sociais e problemas de convívio, propagam ideais ou extravasam fantasias.¹²⁴

Falando sobre a importância das histórias na vida dos indivíduos Jagnow expressa que:

Histórias – romances, parábolas, ilustrações, anedotas, novelas, filmes, etc – acompanham a humanidade desde o princípio. Vivemos num mundo de histórias – que são constantemente contadas para nós e que contamos a nós mesmos.

As histórias que ouvimos e contamos é nossa principal maneira de simbolizar e, dessa forma, ligar as experiências isoladas numa narrativa coerente, dando um sentido ao que acontece conosco. Elas são como presentes que embalamos e passamos adiante, de pessoa para pessoa, de geração para geração.

¹²⁰ MAGALHÃES, 2000, p. 166.

¹²¹ BARTHES, 2008 apud REBLIN, 2015, p. 102.

¹²² REBLIN, 2015, p. 102.

¹²³ REBLIN, 2015, p. 102.

¹²⁴ EISNER, 2008 apud REBLIN, 2015, p. 102.

As histórias também são importantes e necessárias para as pessoas por que elas têm o poder de apresentar ensinamentos perenes com novas roupagens, atrativas para o contexto presente.¹²⁵

Nota-se claramente a partir do pensamento do autor que histórias fazem parte do desenvolvimento do ser humano. Elas desenvolvem um papel fundamental na humanização do homem e da mulher, que foram, de acordo com a tradição bíblica veterotestamentária, descaracterizados, ou melhor, desumanizados pelo pecado no jardim do Éden, e que precisam de referenciais que normalmente são apresentados através de narrativas. As histórias são fundamentais, pois elas determinam o *modus vivendi* de grupos de indivíduos. É através de histórias que se mantém a memória de indivíduos que já partiram. As histórias dão vida a ideias, conceitos, sentimentos, existência. Elas re-significam o ser humano que, por vezes, se perde no caos de um mundo sem sentido que foi apresentado a ele.

3.2 NARRATIVA, UMA FORMA DE LINGUAGEM

As narrativas mantêm uma profunda relação com a linguagem e é uma forma de se comunicar porque se trata de uma manifestação da linguagem. Assim “a linguagem que organiza o mundo”¹²⁶ é manifesta em narrativas ao longo da história. Não há possibilidade de desassociar uma da outra, pois não existe narrativa sem linguagem e vice e versa. A narrativa é, pois, uma das melhores manifestações da linguagem que vem carregada de valores e significados imprescindíveis aos seres humanos.

Reblin nos lembra que:

A linguagem é o meio pelo qual o mundo humano é criado, se mantém e se perpetua. É a linguagem que torna possível ao ser humano dizer a si mesmo, ao seu grupo e aos outros, quem ele é e por que ele é quem é. A linguagem que organiza o mundo na perspectiva de valores de um grupo, de uma sociedade e, como tal, condiciona sua percepção, também, à medida que as novas gerações já nascem inseridas nessa organização. Assim, é a linguagem que possibilita igualmente ao ser humano ter uma história. As criações humanas não são elaboradas a cada nova geração, mas são transmitidas, ensinadas, aprendidas e transformadas de geração a geração (com algumas adaptações, supressões e adições). Enquanto “memória coletiva”, a linguagem torna possível ao ser humano manter suas criações.¹²⁷

¹²⁵ JAGNOW, 2010, p. 123.

¹²⁶ REBLIN, 2015, p. 90.

¹²⁷ REBLIN, 2015, p. 90.

Magalhães a esse respeito ressalta que:

Esse papel atribuído à linguagem não só evita um conhecimento científico dissociado da realidade política e dos interesses ideológicos, como também se afasta de um eu que conhece o mundo de forma autônoma e totalmente livre. Se nos compreendemos como seres da linguagem, então cada vez mais descobrimos nossas redes simbólicas, nossas teias ideológicas, nossas fantasias religiosas e as alternativas sociais e históricas que ainda temos. Linguagem como forma de criar realmente vida, e não produzir morte, que rompe com as palavras ditas como mediações rituais para relações fúteis e superficiais a fim de aprofundar os encontros e restaurar justiça nos caminhos da história.¹²⁸

As narrativas têm então esse papel importantíssimo de comunicar valores, princípios e relatos que fazem com que os homens e mulheres conheçam o passado e projetem o futuro tendo como alicerce as histórias de seu povo. As narrativas têm esse compromisso de ser uma linguagem que provê a vida, que transpõe as relações superficiais e que transmite vividamente as ideologias construídas ao longo da história. Reblin ainda cita Giordano que colabora com essa linha de raciocínio dizendo que

O homem constrói o universo mediante a função que lhe pertence exclusivamente: a chamada função simbólica. A linguagem é por excelência o instrumento da função simbólica. O universo das histórias é o universo real onde a simbolização que elas contêm espelham a relação do ser humano com o mundo. Por isso ninguém pode dizer que as histórias não são reais. Continuam, desde sempre, tão reais que os seres humanos, na peleja da vida, são capazes de se orientar por elas.¹²⁹

Dessa forma as narrativas, para Reblin, são inseridas na vida humana como uma tentativa incansável de encontrar um sentido. Elas são um ponto de referência que ajuda os seres humanos a se encontrarem com o mundo a sua volta e consigo mesmo, e fazendo-o perceber que não está no meio do nada existencial, pois a narrativa proporciona os elementos simbólicos necessários para que ele comece a buscar o sentido para a vida. Como ele mesmo afirma,

Ao contar, ler ou ouvir uma narrativa, o ser humano se depara com um retrato da sociedade na qual ele está inserido, dos valores que ele compactua, das angustias que o perseguem. Ao fazê-lo, o ser humano não apenas compartilha desse retrato, como é capaz de reafirmá-lo, incorporá-lo, negá-lo e mesmo transformá-lo[...] o ser humano se configura e se inventa a partir das histórias que conta, ouve lê.¹³⁰

¹²⁸ MAGALHÃES, 2000, p. 160-161.

¹²⁹ GIORDANO, 2007 apud REBLIN, 2015, p. 98.

¹³⁰ REBLIN, 2015, p. 98-99.

Diante disso percebe-se a importância das histórias não apenas para cultivar lembranças do passado, mas também para se construir conhecimento para o presente e o futuro. Se as histórias são, de fato, tão significativas, não se deve desprezar a sua importância na construção de saberes e na formação de pessoas e comunidades. As histórias exercem uma influência muito grande no ato de se transmitir princípios e saberes, ela é muito eficaz. Ela tem esse poder de prender a atenção e fazer com que o indivíduo se identifique com a história e se sinta parte dela, aqui há uma construção de identidade e formação de uma cosmovisão que fará o ser humano enxergar o mundo a partir desse conhecimento adquirido.

3.3 O GÊNERO NARRATIVO É ATRATIVO PARA O INDIVÍDUO DA PÓS-MODERNIDADE

Diante do que foi exposto até o momento, alguém poderia dizer que a narrativa não funciona no mundo pós-moderno, pois as pessoas não têm mais interesse por histórias. Quanto a isso, luri faz questão de lembrar que “no mundo contemporâneo, as histórias de ficção têm conduzido cada vez mais pessoas as livrarias e aos cinemas”.¹³¹ Isso explica de certa forma a universalidade do interesse por livros de ficção ou de relatos históricos e o intenso interesse nos cinemas, que se tornou um mercado globalizado. Esse interesse é universal e isso pode dizer algo a respeito dos seres humanos, eles se identificam com histórias, não vivem sem elas.

As narrativas são vitais para os seres humanos, inegociáveis e esse interesse evidente mostra isso. Logo, para o autor, “o ser humano não apenas se configura a partir das palavras que recebe e que enuncia sobre si mesmo”, mas também “a partir das histórias que lê, ouve ou conta, ele é atraído e fascinado por elas; mais ainda, ele precisa delas, porque é por meio delas que ele se (re)inventa”.¹³²

A constituição de uma narrativa está vinculada à necessidade do ser humano de estruturar um universo simbólico que esteja aí quando as novas gerações nascerem; é o seu legado, a sua memória, a sua história. Narrar histórias (vivas e ficcionais) é a forma com o que o ser humano diz para si mesmo quais são os seus medos, as suas esperanças, como o mundo se apresenta para ele e como interpreta-lo.

¹³¹ REBLIN, 2015, p. 101.

¹³² REBLIN, 2015, p. 101.

São por essas razões, pois, que o ser humano cria e compartilha histórias desde os tempos mais remotos de sua biografia.¹³³

O fato é que “histórias podem causar fascínio, temor, propagar o conhecimento, entreter; podem reafirmar ou discutir valores a partir de situações específicas, desafiar”.¹³⁴ A narrativa tem essa capacidade de transmitir uma mensagem com clareza e em cores vivas para o ouvinte, pois ela sai do campo das ideias e das assertivas e toma forma nas ações vividas pelos personagens das histórias que mostram como determinado valor ou princípio se dá na prática e o retorno é imediato, porque essas narrativas causam impacto no imaginário do ouvinte e, conseqüentemente, na sua forma de enxergar a realidade que o cerca. Pois “ao contar uma história, cada participante (narrador e audiência – leitor, espectador ou ouvinte) torna-se, de alguma forma, parte dela e ela se torna uma parte de cada participante em sua busca por descobrir mais sobre si mesmo”.¹³⁵

Outro fato a ser levantado é o de que “a identificação com o que a narrativa enuncia e a experiência da interlocução entre a história e a audiência são possíveis porque as histórias são sempre baseadas na realidade”;¹³⁶ ou seja, os recursos e os elementos utilizados para se narrar uma história são familiares aos ouvintes, fazem parte da realidade que os cerca, do seu cotidiano, de suas experiências vividas, algo que não pareça distante do seu mundo. Por isso, as narrativas são tão utilizadas desde os tempos mais antigos.

Narrativas funcionam, outrossim, como símbolos evocativos. Suscitando imaginação, as narrativas levam a recordar “para além de”. Por meio dos personagens e de suas histórias, as pessoas vivenciam sentimentos e ideias e resgatam memórias, tendo acesso a significados não facilmente experimentados e alcançados de outra maneira. Pode-se dizer que cada personagem e fato de uma história revelam algum aspecto da realidade, podendo tocar sentimentos profundos no ouvinte ou leitor. Por outro lado, cada personagem e fato contribui para um todo, sendo a história mais do que a soma das suas partes.¹³⁷

Algo que permite, ou melhor, que facilita a compreensão da mensagem a ser entregue por meio de uma narrativa está relacionado ao comportamento do ouvinte diante de uma história. Considere por exemplo como reagimos diante de um filme, quando o mesmo começa “ocorre o desligamento do real e, portanto, do mundo,

¹³³ REBLIN, 2015, p. 101.

¹³⁴ REBLIN, 2015, p. 103.

¹³⁵ REBLIN, 2015, p. 103.

¹³⁶ REBLIN, 2015, p. 104.

¹³⁷ KLEIN, 2011 apud REBLIN, 2015, p. 105.

estamos abertos e preparados para entrarmos e compartilharmos as imagens criadas pelo filme”.¹³⁸ Esse desligamento do mundo à volta e essa abertura diminuem significativamente os ruídos que podem comprometer a compreensão da mensagem e isso acontece quando se ouve uma narrativa. Para Reblin, “ao ler, assistir ou ouvir uma narrativa, uma história de ficção, há uma disposição da audiência em se envolver com a história que é contada”.¹³⁹

Reblin ainda cita Klein que entende que:

As pessoas aprendem através de histórias. Estas são um estímulo à imaginação, criam consciência pessoal e social e apontam para realidades não facilmente comunicáveis de forma conceptual. Crenças, valores e padrões são formados e transformados por meio de histórias narradas.¹⁴⁰

Ele também cita mais uma vez Giordano que expressa:

[...] as histórias têm condições de simplificar as situações de vida que aparentemente são complicadas usando personagens bem definidos, representantes da bondade e da maldade, oferecendo oportunidade para que o audiente possa projetar-se nos personagens e viver a aventura narrada como se fosse sua própria vida.¹⁴¹

Vale citar o que Ralph e Gregg Lewis compreendem:

A indução faz parte da nossa natureza. “Feitos à imagem de Deus” tem que significar mais do que uma atitude dócil ovina, do tipo submisso de “siga o líder”. Nosso criador pretendeu que a vida fosse mais do que um mudo desfile circular interminável de elefantes com as trombas presas às caudas uns dos outros.¹⁴²

Podemos concluir então o que já foi entendido por Eisner¹⁴³ e reiterado por Reblin,¹⁴⁴ o fato de que as narrativas são um “meio seguro de se expressar ideias e sentimentos sobre assuntos difíceis”.¹⁴⁵ As histórias possuem esse poder arrebatador que usa a imaginação para potencializar os sentidos que contribuem para uma melhor compreensão do que está sendo dito, ou ainda, da mensagem que precisa ir além do intelecto, mensagens que precisam tocar a alma e mudar a vida das pessoas, mensagens que precisam ser experimentadas, e através das

¹³⁸ ALCÂNTARA, 1995 apud REBLIN, 2015, p. 106.

¹³⁹ REBLIN, 2015, p. 106.

¹⁴⁰ KLEIN, 2011 apud REBLIN, 2015, p. 108.

¹⁴¹ GIORDANO, 2007 apud REBLIN, 2015, p. 108.

¹⁴² LEWIS; LEWIS, 2003, p. 66.

¹⁴³ EISNER, 2008 apud REBLIN, 2015, p. 109.

¹⁴⁴ REBLIN, 2015, p. 109.

¹⁴⁵ MELLON, 2006 apud REBLIN, 2015, p. 109.

narrativas elas são experimentadas na imaginação, o que não invalida essa experiência, pelo contrário, colabora com a interpretação e aplicação da mensagem.

C. S. Lewis foi um excelente contador de histórias e estórias que mostravam de uma forma prática e viva os ensinamentos bíblicos sendo aplicados às realidades da vida humana. *As Crônicas de Nárnia* se tornaram um dos maiores legados que Lewis deixou na história, os mesmos se tratam de uma coleção de livros, que segundo Alister McGrath, “trazem de volta o poder que as histórias bem contadas têm de cativar a imaginação e tocar algumas das maiores questões da existência humana”.¹⁴⁶ Ele ainda afirma que as histórias “nos atraem a um mundo rico, imaginativo, que nos ajuda a pensar nas grandes questões acerca do significado e do valor de nós mesmos”.

3.4 A NARRATIVA E A TRANSMISSÃO DA COSMOVISÃO CRISTÃ

Como foi visto até o momento, as narrativas são eficazes no processo de comunicação de uma mensagem e na formação de visões de mundo ao longo dos séculos, mas será que as narrativas funcionam quando o que precisa ser transmitido é a cosmovisão Cristã? Seria possível transmitir a fé cristã através de histórias narradas, de dramatizações e até mesmo através de estórias?

C.S. Lewis é um exemplo clássico que nos mostra que, quando ensinamos dedutivamente a nossa lógica, é ativada e tentamos encontrar um sentido para tais ensinamentos no campo das ideias. No entanto, quando o que se pretende ensinar se encarna indutivamente em uma narrativa, como visto anteriormente, a imaginação é despertada e aquilo que *a priori* não passaria do campo das ideias começa a ganhar vida, pois a imaginação nos permite ter uma experiência com a situação proposta na narração de maneira que os nossos sentidos são ativados e passamos a ver e sentir essa verdade sendo contada; o que nos ajuda a perceber a realidade da vida através de outra ótica, para C. S. Lewis a imaginação e a lógica deveriam trabalhar juntas, ele nos mostra que uma boa história pode explorar ideias teológicas, como nas *Crônicas de Nárnia*.

C. S. Lewis foi alguém que percebeu “que contar histórias era uma forma eficaz de enaltecer e comunicar uma visão de mundo”.¹⁴⁷ Ele percebe que “uma boa

¹⁴⁶ MCGRATH, Alister. *Conversando com C.S. Lewis*. São Paulo: Planeta, 2014. p. 7.

¹⁴⁷ MCGRATH, 2014, p. 68.

história cativa à imaginação” e que ela “pode sorrateiramente passar pelos dragões vigilantes do racionalismo dogmático”.¹⁴⁸ Ele percebe que uma forma indutiva de se ensinar um paradigma pode dar muito mais sentido ao significado do que se quer comunicar, talvez porque compreenda que uma somente a maneira dedutiva pode acabar limitando uma visão de mundo que é transcendente e imanente a uma cosmovisão que é apenas imanente. O que ele faz é substituir um argumento lógico que conta o porquê de uma problemática, por uma história cativante que mostre a mesma coisa.

De acordo com McGrath C. S. “Lewis queria que entendêssemos que vivemos em um mundo modelado por histórias – por narrativas que nos dizem quem somos e o que realmente importa”.¹⁴⁹ Ele entende que “uma das grandes façanhas de Lewis em Nárnia é nos ajudar a entender que vivemos em um mundo de narrativas concorrentes. E no fim, temos de decidir por nós mesmos qual está certa”.¹⁵⁰ Uma das grandes contribuições de C. S. Lewis nesse sentido é mostrar que as histórias nos “permitem entrar e vivenciar a história cristã e julgá-la por sua capacidade de dar sentido às coisas, e entrar na conversa com nossas mais profundas intuições sobre a verdade e a beleza”,¹⁵¹ enquanto que ensinamentos dedutivos “nos permitem compreender ideias cristãs”.¹⁵²

McGrath afirma que “Lewis pode nos dar um exemplo de como contar uma história torna uma ideia teológica mais real e inteligível do que se lermos sobre isso em alguma introdução a teologia cristã”,¹⁵³ e isso fica evidenciado através das Crônicas de Nárnia. Ele acredita que, para C. S. Lewis, “as doutrinas cristãs são traduções em nossos conceitos e ideias do que Deus já expressou em uma linguagem mais adequada – ou seja, a grande narrativa da fé cristã”.¹⁵⁴ “Lewis nos permite ver como é a virtude e nos ajuda a compreender como nos tornamos virtuosos”.¹⁵⁵ McGrath resume basicamente essas ideias da seguinte forma:

Lewis percebeu que não é suficiente dizer às pessoas que sejam boas. Elas precisam de alguém que mostre como é a bondade. O exemplo vale mais que mil palavras! É muito melhor contar uma história que nos mostre como

¹⁴⁸ MCGRATH, 2014, p. 69.

¹⁴⁹ MCGRATH, 2014, p. 73.

¹⁵⁰ MCGRATH, 2014, p. 73.

¹⁵¹ MCGRATH, 2014, p. 75-76.

¹⁵² MCGRATH, 2014, p. 75.

¹⁵³ MCGRATH, 2014, p. 77.

¹⁵⁴ MCGRATH, 2014, p. 97.

¹⁵⁵ MCGRATH, 2014, p. 97.

alguém agiu nobremente do que ler um livro sobre a abstrata ideia de nobreza.¹⁵⁶

Como se pôde notar, as narrativas são uma forma de comunicação que têm um profundo grau de absorção da mensagem, porque, além de levar o ouvinte para dentro da mensagem, ou seja, da história que mostra na prática o que determinada assertiva diz e o que a mesma tem a ver com a vida do ouvinte, ela faz parte de quem o ser humano é, eles se identificam com as histórias porque elas mostram quem eles são, ela dá sentido e significado a vida.

Diante do que foi pontuado até o momento, podemos concordar com Reblin quando ele deixa claro que “o ato de contar histórias, pois, faz parte da vida humana. É uma atividade inerente ao ser humano. Faz parte de seu comportamento social e se emaranha nas teias simbólicas da cultura. É por isso que as histórias estão em todo o lugar”,¹⁵⁷ e é por isso que elas devem ser utilizadas em todos os ambientes pedagógicos onde se procura transmitir uma mensagem, inclusive na igreja, pois todos os ouvintes ali presentes se encaixam no que foi apresentado pelo autor. Diante desses fatos não há motivos plausíveis para se limitar as narrativas as crianças ou ao culto infantil.

3.5 A PRÉDICA NARRATIVA

“A maioria das congregações prefere ver um sermão que ouvir um, em qualquer dia da semana”.¹⁵⁸ Quando se fala em forma, ou no tipo de sermão a ser empregado nas igrejas da pós-modernidade, devemos lembrar alguns apontamentos feitos no capítulo anterior para conseguirmos entender como o sermão narrativo pode nos ajudar a transpor o abismo que existe entre a mensagem proferida no púlpito, seu entendimento e as suas respostas e propostas para as demandas da vida. Neste ponto, Ralph Lewis e Gregg Lewis nos trazem a memória o fato de que:

Os membros da igreja de hoje crescem cada vez mais secularizados. Todas as noites após o jantar eles se põem diante do aparelho de tevê para ver,

¹⁵⁶ MCGRATH, 2014, p. 99.

¹⁵⁷ REBLIN, 2015, p. 102.

¹⁵⁸ LEWIS; LEWIS, 2003, p. 29.

sentir, aceitar e experimentar as mesmas cenas, emoções, valores e experiências de milhões.¹⁵⁹

Magalhães nos lembra que:

Numa religião que conhece somente a linguagem muitas vezes dura e restrita da doutrina, em que as pessoas desconhecem por completo que, antes de ser verdade estabelecida de forma dogmática e cerceadora, a fé que as comunidades anunciam foi celebrada em hinos, contada em versos e vivida em gestos. Com certeza, essa religião desapareceria pelo seu embrutecimento e racionalidade tacanha, negadora de dimensões profundas da existência. Por outro lado, pensemos numa religião que não tivesse conhecido a capacidade de refletir criticamente e rigidamente sobre os conceitos que passaram a ser determinantes na sua história, que se limitasse às narrativas originais da fé sem a tarefa ousada de tentativa de sistematização. Ela seria circunscrita ao mundo dos relatos das experiências e dificilmente se tornaria, de forma mais sistematizada, interlocutora no diálogo com outros saberes co-responsáveis pela legitimação ou fundamentação teórica da sociedade.¹⁶⁰

Esse apontamento de Magalhães só mostra a extrema necessidade de equilíbrio quando se fala de estabelecimento de uma religião com seus princípios e valores e da comunicação dos mesmos. Deve existir neste contexto um profundo tato para lidar com o desafio de transmitir o conteúdo e ao mesmo tempo fazê-lo com vida e significado existencial para os ouvintes. As narrativas têm esse poder.

Sobre essa questão Luiz Carlos Ramos nos esclarece que:

Forma e conteúdo são aspectos fundamentais no processo de comunicação, e não podem ser desconsiderados, nem sequer eliminados, sob pena de inviabilizar a própria comunicação. A homilética da igreja do futuro terá que levar cada vez mais a sério a relação dialético-sintética entre meio-e-mensagem. O bom conteúdo merece a melhor embalagem, a ser veiculado pelos canais mais eficientes. O desafio está justamente em pregar para o ser humano que pensa sentindo e que sente pensando.¹⁶¹

Ramos é extremamente enfático na correlação de conteúdo e forma. Ambas andam de mãos dadas para se atingir o objetivo proposto que é a entrega da mensagem bíblica com vistas a transformações culturais, sociais e espirituais, como já foi proposto por Júlio César Adam. Ele ainda mostra a importância de outras linguagens e novos recursos para serem aplicados na prédica com o intuito de correlacionar forma e conteúdo para facilitar a compreensão do ouvinte.

Falar da pregação como uma polifonia de vozes significa encontrar outras linguagens, outras formas, outros recursos, outros costumes para transmitir

¹⁵⁹ LEWIS; LEWIS, 2003, p. 32.

¹⁶⁰ MAGALHÃES, 2000, p. 170-171.

¹⁶¹ RAMOS, 2014, [s.p.].

a voz do Evangelho, principalmente aqueles que são próprios de cada cultura e tradição. A linguagem poética, a metáfora, o símbolo, as imagem conseguem algo que a linguagem instrumental, racional não consegue: transcendência[...] Quem fala em linguagem poética “abre uma porta” que, sem esse falar, nem sequer estaria na parede.¹⁶²

Ele ainda mostra que a linguagem narrativa é extremamente eficaz nesse processo da comunicação de uma mensagem a outros indivíduos. Destacando que a mesma tem uma abrangência muito maior que a linguagem lógica, que tem sido usada usualmente na maior parte dos sermões pregados em igrejas históricas, e da mesma forma ela é mais eficiente que a homilética midiática, pois transmite o conteúdo do evangelho de Cristo, sem se render a hermenêutica do lobo. Sobre a narrativa, ele relata:

Nesse mesmo caminho, a linguagem narrativa consegue mais do que a linguagem cotidiana, teórica e explicativa. “Ao se empregar a linguagem narrativamente, ao se narrar, a linguagem torna-se permeável, transparente para padrões de sentido e significado que nascem por meio das palavras. A exemplo de um poema, a narrativa pode abrir mundos que antes não eram visíveis”. Não por acaso a Bíblia é um livro de narrativas. Não por menos, Jesus passou a vida contando, andando, comendo e contando histórias.¹⁶³

Ralph e Gregg Lewis, por sua vez, fazem uma observação muito importante. Eles notam o efeito de uma história ser introduzida num sermão. Quando isso acontece, “há quase sempre uma perceptível mudança na congregação. Olhos focalizam, ouvidos sintonizam, cessa a inquietação. As histórias quase sempre envolvem as pessoas”.¹⁶⁴

3.5.1 O SERMÃO NARRATIVO NA BÍBLIA

De acordo com Peterson, é muito interessante a frequência com que Jesus conta histórias, ou faz uso de narrativas, as “mini-histórias que denominamos parábolas”.¹⁶⁵ Ele aponta que, no evangelho de Lucas, se concentram as maiores quantidades de histórias contadas por Cristo, tanto que dez histórias são exclusivas do evangelho de Lucas. Para o autor, todos os evangelistas mostram Jesus

¹⁶² RAMOS, 2014, [s.p.].

¹⁶³ RAMOS, 2014, [s.p.].

¹⁶⁴ LEWIS; LEWIS, 2003, p. 50.

¹⁶⁵ PETERSON, 2014, p. 27.

contando histórias, “mas Lucas supera seus irmãos evangelistas”.¹⁶⁶ Peterson entende que existe uma razão pelo qual esse fato é notado.

A parábola é uma forma do discurso com estilo todo próprio. É uma forma de dizer algo que exige a participação imaginativa do ouvinte. A parábola envolve o ouvinte sem chamar muita atenção, quase sub-repticiamente. Essa história breve, corriqueira, despreziosa, é jogada em uma conversa e cai aos nossos pés, exigindo nossa atenção[...] Fazemos perguntas, pensamos, imaginamos. Senão, é usada para nos fazer tratar com seriedade algo que descartamos como de pouca importância por nunca entender a sua razão de ser. Antes de percebermos, estamos envolvidos.¹⁶⁷

Peterson ainda não nos deixa esquecer que:

[...]Jesus conta histórias, e nós escutamos Deus contar histórias. E, quando inevitavelmente, encontramos a nós mesmos dentro das histórias. Jesus em suas histórias é Jesus usando a linguagem em formas que viemos a reconhecer amplamente como orientação espiritual.¹⁶⁸

Jagnow cita uma ilustração que ajuda a compreender o motivo do uso de parábolas. Ele conta:

Certo dia, um sábio foi perguntado:

- Mestre, por que a parábola cativa tanto as pessoas?

O sábio respondeu:

- Eu vou lhes mostrar... usando uma parábola! A Verdade costumava andar nua, assim como tinha nascido. Ninguém podia entrar na casa dela. E se alguém a encontrava fora de casa, cobria seus olhos ou fugia dela. A Verdade se sentia muito triste e desconsolada. Certo dia, ela estava andando por uma estrada quando viu alguém com roupas vistosas e caras sentado sob a sombra de uma árvore.

Era a Parábola. Quando ela viu a Verdade passando, cabisbaixa, triste, perguntou:

- Por que você está tão abatida, minha amiga?

Pesarosa, a Verdade então disse:

- A minha vida é muito, muito triste. Eu já sou muito velha e ninguém se interessa por mim.

- Não! – Replicou a Parábola com veemência. – Não é por causa da sua idade que as pessoas não se interessam por você. Veja, eu sou tão velha quanto você, e quanto mais velha fico, mais sou amada. E deixe-me dizer por qual razão. As pessoas gostam de ver tudo vestido e bonito. Vou lhe emprestar algumas roupas, e você vai ver que as pessoas vão gostar também de você.

¹⁶⁶ PETERSON, 2014, p. 27.

¹⁶⁷ PETERSON, 2014, p. 27.

¹⁶⁸ PETERSON, 2014, p. 37.

A Verdade seguiu o conselho e se vestiu com as roupas da Parábola. Desde então, a Verdade e a Parábola andam de mãos dadas, e as pessoas amam igualmente cada uma delas.¹⁶⁹

Essa pequena parábola fala uma verdade fundamental, a maioria das pessoas não são atraídas pela verdade nua. Elas querem saber o que essas verdades têm a ver com suas vidas e a melhor forma de visualizar a relação entre as duas é mostrar a verdade através de uma narrativa familiar à pessoa que ouve. Isso a atrai, pois, além de levar a verdade de forma viva ao ouvinte ela é apresentada de forma bela e artística, ou seja, é transmitida com criatividade, que é parte da *imago Dei* nos homens, talvez por isso o ser humano se encante tanto por história, pois ela contém algo que o liga ao transcendente e quanto mais ele se aproxima de Deus mais significado a sua vida ganha. Falando sobre isso Jagnow diz que

As histórias podem ser usadas de forma criativa para ajudar os ouvintes a progredirem em sua recepção e compreensão da voz de Deus – de amarrar o que está solto, de enxergar o que não pode ser adequadamente explicado e de reter o que não deve ser repetido.¹⁷⁰

As histórias fazem parte da representação simbólica que o homem sempre utilizou e “por causa de seu caráter humano, as histórias naturalmente chamam a atenção, despertam o interesse. Não importa se a história é nova [...]: quando alguém começa a contar uma história, logo começamos a seguir o contador e a história”.¹⁷¹ É extremamente significativo esse fato, as narrativas são tão familiares às pessoas que é natural a sua inserção na história contada, ele não precisa de tanto raciocínio e horas de reflexão para entender a mensagem que cada história conta, isso porque “a história não abandona o ouvinte, mas continua a cerca-lo por um longo tempo”.¹⁷²

Por esses motivos, Jesus utilizou e ainda outras pessoas continuam a utilizar as parábolas, a prédica narrativa, para transmitirem e ensinarem princípios e verdades fundamentais para os seres humanos. As parábolas, assim como outras formas de narrativas, são muito eficazes na importante missão de comunicar uma mensagem a alguém. O autor fala sobre a importância da narrativa na tarefa de comunicar uma mensagem a um indivíduo ou um grupo de pessoas, afirmando que

¹⁶⁹ JAGNOW, 2010, p. 123.

¹⁷⁰ JAGNOW, 2010, p. 124.

¹⁷¹ JAGNOW, 2010, p. 124.

¹⁷² JAGNOW, 2010, p. 124.

As histórias evocam experiências antigas e acontecimentos novos. O ouvinte é convidado a se identificar com um ou mais personagens e, nessa identificação, a verdade é veiculada em determinado nível de modo a romper as resistências e barreiras comumente criadas à verdade dita nua e crua. Por isso as narrativas são uma excelente forma de comunicação para tratar de questões sensíveis na pregação[...] Um dos exemplos clássicos desta aplicação indireta está na história que Natã contou a Davi, em 1Samuel 12.

Um sermão normalmente está repleto de informações. Mas a pregação vai muito além de, apenas, compartilhar essas informações: ela deve criar a experiência delas. As histórias levam à experiência.¹⁷³

É importante ressaltar que o uso da pregação narrativa não inviabiliza a exortação ou está condicionada a levar sempre a mensagem de forma indireta. No exemplo dado pelo autor se vê claramente que, após contar a história a Davi, Natã o exorta diretamente. A história foi utilizada para mostrar a Davi a gravidade de sua conduta pecaminosa. A pregação narrativa tem essa característica de se adaptar a distintos contextos. Ela pode ser usada por um adepto da Nova Homilética e por um pregador que faz uso da Homilética tradicional, como um pregador expositivo. Aliás, o sermão biográfico nada mais é do que a narrativa da vida de um personagem bíblico, ou seja, a exposição de sua vida e pensamento, ou visão teológica.

Jagnow ainda nos lembra que “a forma usual de a Bíblia transmitir as verdades de Deus não é um sermão ou tratado teológico, mas poemas, histórias, narrativas e outras formas literárias de caráter pictográfico”.¹⁷⁴ Isso não significa que os sermões tradicionais e os tratados teológicos não sejam válidos. Isso apenas amplia as possibilidades de se entregar a mensagem do evangelho que não está condicionada a uma forma específica e mostra que em nenhum momento as formas são sacralizadas, mas aplicadas nos contextos adequados.

Ele continua discorrendo que:

Os autores bíblicos usualmente misturam proposições com linguagem pictográfica. A doutrina é transmitida por meio de uma figura, a verdade é comunicada por meio de uma história. Somente uma décima parte da Bíblia (10% do total) está organizada de forma sistemática ou proposicional. Não é sem motivo, portanto, que a escritura apresente cerca de 2.900 personagens. É através de narrativas de vidas humanas que Deus se revela e comunica a sua mensagem. Do Jardim do Éden à Nova Jerusalém, o texto bíblico é um grande conjunto de histórias.

O melhor exemplo do estilo narrativo da comunicação bíblica está no ministério de Jesus. Ele foi um contador de histórias. Concepções profundas

¹⁷³ JAGNOW, 2010, p. 124-125.

¹⁷⁴ JAGNOW, 2010, p. 125.

– como perdão, compaixão, reino de Deus, etc – foram ensinadas através de histórias simples.¹⁷⁵

É importante citar que embora essa tenha sido a metodologia mais empregada por Jesus, alguns pregadores estão querendo transformar as histórias que Ele contou em tratados teológicos. Não há problema em se sistematizar verdades contidas nas parábolas contadas por Jesus. A questão é que Ele as usava, na maioria dos casos, para facilitar a compreensão. No entanto, alguns pregadores estão fazendo o caminho contrário, dificultando o que havia sido facilitado pelo Senhor. Colocam as verdades extraídas das histórias em campos não acessíveis aos ouvintes com menos instrução, e isso é um problema que precisa ser corrigido com urgência. Aqui cabe a afirmação de Ramos de que “a pessoa de Jesus, conteúdo, atitudes e formas de articulação deveriam ser recuperadas em nossos sermões”.¹⁷⁶

Ralph e Gregg Lewis fazem perguntas importantes que precisam ser respondidas com sinceridade e autocrítica:

Jesus, os profetas e os apóstolos pregaram com ênfase indutiva. Mas quem alguma vez o notou? Quem dá atenção a Jesus como pregador? Por que os textos sobre homilética não citam seu exemplo? Quem se lembra de que a gente simples ouvia Jesus com prazer quando Ele pregava indutivamente, partindo do nível que elas estavam?¹⁷⁷

Essas são questões que precisam ser colocadas em pauta para que seja possível a realização de uma análise profunda sobre a pregação na atualidade. É preciso, sem dúvidas, levar questões como estas a sério para que haja uma reflexão coerente dentro do contexto em que a igreja evangélica vive na contemporaneidade. Nessa direção, Loro destaca que “Jesus utilizou parábolas para explicar a Boa-Nova. Utilizou o recurso da palavra em forma narrativa, criou histórias para facilitar o entendimento”.¹⁷⁸ Ele também utilizou “elementos da natureza, como sal, luz, mar, peixes, pedra, planta, ovelhas, pastor, e os introduziu como signos do seu código”.¹⁷⁹

Vera Bombonato e Fernando Altemeyer Júnior percebem que “Jesus usou uma fascinante e diversificada metodologia didática, mediante a utilização de

¹⁷⁵ JAGNOW, 2010, p. 125- 126.

¹⁷⁶ RAMOS, 2014, [s.p.].

¹⁷⁷ LEWIS; LEWIS, 2003, p. 10.

¹⁷⁸ LORO, 2011, p. 70.

¹⁷⁹ LORO, 2011, p. 70.

variados ‘gêneros literários’: discursos, parábolas, ditos sapienciais, palavras unidas aos fatos”.¹⁸⁰ As parábolas, para os autores em questão, “não é fábula, não é alegoria, não é simulacro do real. É experiencial, é decisiva, é opção de via”.¹⁸¹ Então, o que Jesus fez, de acordo com eles, foi “propor em sua narrativa metafórica os requisitos necessários para se viver a novidade que está por toda a parte em semente e dores de parto”,¹⁸² é disso que se trata, a utilização das narrativas como forma sermônica tem esse objetivo que é comum ao de Jesus ao contar as parábolas. “O uso de parábolas era feito com maestria e arte por Jesus”.¹⁸³

Os autores acima fazem uma citação de Jesus P. Geoltrain, extremamente oportuna:

Longe de teorias abstratas, há um fundo essencial de abertura ao humano e ao mundo que se exprime em sentenças breves ou sob a forma de parábolas que não devemos interpretar como alegorias: são na verdade relatos vivos, de cenas curtas destinadas a ilustrar uma verdade que se quer colocar na memória dos ouvintes. Estas imagens, Jesus retira do tesouro do Antigo Testamento, e também as emprestava da vida quotidiana de seu tempo.¹⁸⁴

É interessante observar, por exemplo, que

O total de parábolas elencadas nos quatro Evangelhos soma 85, entre provérbios simples, similitudes, narrativas e parábolas completas. Os estudos linguísticos mais recentes e especializados chegaram ao total de 38 parábolas que são o coração de sua pregação messiânica. O anúncio da mensagem era coerente com o testemunho e a prática de quem o anunciava.¹⁸⁵

“Jesus de muitas formas falou do Reino. A palavra por ele utilizada, como também suas atitudes e gestos, serviu para explicitar uma nova ordem social, política e religiosa”.¹⁸⁶ Diante do exposto fica evidente que, se Jesus é considerado pelos que o seguem e anunciam o Seu evangelho como o modelo a ser seguido e imitado em tudo, logo os pregadores também devem fazer uso de todas as formas possíveis para se falar do Reino de Deus, inclusive da prédica narrativa, que foi o recurso mais utilizado por Jesus. Ele a utilizava, provavelmente, porque já sabia a

¹⁸⁰ ALTEMEYER JUNIOR, Fernando; BOMBONATTO, Vera Ivanise. Trindade, mistério de comunhão e comunicação funções. In: ALTEMEYER JUNIOR, Fernando; BOMBONATTO, Vera Ivanise (Org.). *Teologia e comunicação: corpo palavra e interfaces cibernéticas*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 115.

¹⁸¹ ALTEMEYER JUNIOR; BOMBONATTO, 2011, p. 115.

¹⁸² ALTEMEYER JUNIOR; BOMBONATTO, 2011, p. 115.

¹⁸³ ALTEMEYER JUNIOR; BOMBONATTO, 2011, p. 115.

¹⁸⁴ GEOLTRAIN, apud ALTEMEYER JUNIOR; BOMBONATTO, 2011, p. 116

¹⁸⁵ ALTEMEYER JUNIOR; BOMBONATTO, 2011, p. 116.

¹⁸⁶ LORO, 2011, p. 70.

importância das histórias para o ser humano, pois nada do que foi dito aqui é novo para Ele.

E não haveria outra maneira de se concluir esse pensamento a não ser citando diretamente o que dizem Altermeyer Júnior e Bombonato de forma tão clara e convincente como se segue:

O uso frequente da literatura profética e o seguimento dos grandes pregadores populares de seu povo tornam Jesus um expert em comunicação: ao falar reúne pessoas entusiasmadas; não cansa seus ouvintes; comunica-lhes um segredo alvissareiro; conquista a atenção; faz-se entender; cria recursos na fala; não dá respostas prontas; é avesso ao fundamentalismo religioso; dá espaço para pensar e concluir; usa palavras simples; divulga, mas não impõe; é direto e objetivo; é bem humorado e sagaz; vê a realidade, emociona-se, transforma-a por gestos e palavras; quer e pensa movido pelo amor e pela justiça; preocupa-se com aquele ou aquela que o questiona e interpela; ouve o interlocutor e descobre a sua verdade; deixa espaço livre para o silêncio que fala; cria personagens; suscita consciência crítica. Sua fala é um estilo de vida, muito mais atitude que ações particulares.¹⁸⁷

3.5.2 ENTENDENDO O MODELO SERMÔNICO NARRATIVO E SUA PROPOSTA

O modelo de pregação defendido por Craddock¹⁸⁸ é o indutivo-narrativos, orientado a partir de e para quem ouve a pregação. O seu objetivo principal é convidar as pessoas a participarem do desenvolvimento da prédica e permitir que as mesmas cheguem as suas próprias conclusões. Para ele “a comunicação oral, cotidiana, é cheia de repetições, metáforas, estórias, piadas, contradições, etc., características na maioria das vezes desprezadas por pregadores e pregadoras que seguem os métodos dedutivo-proposicionais”.¹⁸⁹ Neste sentido, seria mais lógico utilizar o meio de comunicação oral que prevalece entre as pessoas, ou seja, o indutivo-narrativos.

Outro nome associado à pregação narrativa e o de Eugene Lowry.¹⁹⁰ Ele foi um dos maiores defensores desse estilo de pregação, o que fez com que o seu método fosse conhecido como “trama homilética”. De acordo com Mauro, para

¹⁸⁷ ALTEMEYER JUNIOR; BOMBONATTO, 2011, p. 118.

¹⁸⁸ SOUZA. Mauro Batista. A nova Homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 47, n. 1, p. 5-24, jan./jun. 2007. p.5. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/458/418>. Acesso em: 07 maio. 2015.

¹⁸⁹ SOUZA.2007, p. 9.

¹⁹⁰ SOUZA.2007, p. 16.

Lowry, “toda a pregação na qual as ideias estão arranjadas sob forma de uma trama que envolve um atraso estratégico da resolução preparada pela pessoa que prega”¹⁹¹ pertence a homilética narrativa.

Souza ainda destaca que para Lowry, “uma homilética narrativa está embasada nos seguintes pontos”:

1. No movimento basicamente indutivo do trabalho exegético bíblico;
2. No poder da forma narrativa experimentada em gêneros literários como drama, estórias curtas e novelas;
3. Na forma essencialmente narrativa da experiência humana;
4. No poder da estória como veículo primário da revelação de Deus;
5. Na forma essencialmente narrativa do cânone bíblico (com passagens não narrativas servindo às grandes estórias bíblicas);
6. Na mudança significativa no entendimento do objetivo da pregação de convencer através de argumentos puramente racionais em direção a um evento temporal através da participação, identificação e engajamento.¹⁹²

Para Souza, assim como para outros já citados, as parábolas são excelentes exemplos da forma indutiva-narrativas utilizadas por Jesus. Souza simplifica a ideia exemplificando as duas maneiras, a dedutiva e a indutiva, da seguinte forma:

Uma prédica pode defender a ideia de que Deus é amor e as pessoas podem vir a acreditar que Deus é amor. Uma outra prédica, no entanto, pode levar as pessoas ouvintes a experimentar o amor de Deus em suas vidas (através de exemplos concretos). A diferença é gritante.¹⁹³

Entende-se aqui que esta forma sermônica facilita a comunicação do evangelho de Cristo a uma geração tão homogênea como a contemporânea, mas que ainda cultiva a narrativa como meio de comunicação e de transmissão de saberes.

CONCLUSÃO

O que a prédica narrativa propõe é que se siga o modelo de pregação de Jesus Cristo, que se faça o que ele fez com tanta maestria, arte e encanto. Que se entre no mundo do ouvinte para lhe mostrar que existe outro mundo, outro reino que está disponível ao que crê, que essa nova terra está cheia de tudo aquilo que a alma humana anseia e precisa. Mas para isso é preciso que se entre no mundo dos ouvintes assim como Jesus entrou no mundo dos humanos, é preciso que se entre

¹⁹¹ SOUZA, 2007, p. 18.

¹⁹² LOWRY, 1993 apud SOUZA. 2007, p. 18-19.

¹⁹³ SOUZA, 2007, p. 21-22.

na história do ouvinte, assim como Jesus entrou na história da humanidade e através da prédica narrativa isso se torna possível de uma forma muito eficaz.

Não se está querendo limitar o sermão a forma narrativa, mas apenas colocando essa forma como uma das que podem lograr êxito na entrega da mensagem, ou seja, o que se deseja é tirar o sermão narrativo da marginalização homilética como se ele fosse inferior e menos eficaz. Diante do que foi exposto nesta pesquisa bibliográfico se pode perceber que a prédica narrativa não deve ser marginalizada, pelo contrário, ela deve estar disponível a todo pregador como uma arma eficaz para se comunicar a mensagem de Cristo as pessoas, assim como Ele mesmo a comunicou usando a referida forma. É totalmente possível intercalar formas sermônicas e enriquecer o momento da prédica nas igrejas evangélicas com o sermão narrativo.

CONCLUSÃO

Como observamos, a Homilética é uma ciência e uma arte que procura facilitar a comunicação da mensagem do evangelho de Cristo. Ele visa a entrega da mensagem com clareza e fidelidade. Para isso, faz uso de disciplinas como a exegese e hermenêutica bíblicas e, no fim, faz uso da melhor forma sermônica para entregar a mensagem.

Se a Homilética tem esse objetivo, ela precisa de certa forma, se adequar a contextos diferentes. Isso significa que a maneira como se prega em determinada cultura e em um período específico da história, não é uma forma padrão que logrará êxito em todos os lugares e épocas em que for utilizado. Quando assim se procede, há o que pode ser chamado de sacralização da forma, o que confere um *status* a forma sermônica que ela não deveria ter, tornando assim ela intocável e inalterável.

Também foi observado que tanto o mensageiro, quanto a própria Homilética, possuem uma missão. No entanto, se a mentalidade de sacralização da forma sermônica continuar, isso irá inviabilizar a missão proposta para ambos. Pois essa visão limita tanto o pregador e sua criatividade quanto a maneira em que o ouvinte pode ouvir um sermão.

E foi exatamente isso que aconteceu e que tem acontecido, como foi dito por Adam, existe hoje um mal-estar no púlpito, as pregações já não estão conseguindo comunicar a mensagem com vida e entusiasmo. Os ouvintes já não sentem prazer em ouvir sermões, como Jilton Moraes observou. As igrejas históricas estão perdendo membros em sua maioria jovens pelo fato de a mensagem não falar aos seus corações, isso devido à linguagem que é utilizada na igreja, que em sua maioria é condicionada pela forma sermônica sacralizada pela igreja local.

Outro problema observado foi a maneira como as pessoas do século XXI aprendem. Ralph e Gregg Lewis observam, como foi visto anteriormente, que a revolução da imprensa já perdeu espaço para a revolução audiovisual. As pessoas passaram a usar o lado criativo e indutivo do cérebro, o que muda radicalmente a maneira como as pessoas interpretam as mensagens que chegam a elas. Mensagens dedutivas perdem espaço na vida das pessoas que passam a maior parte do tempo aprendendo indutivamente na televisão, computador e nos cinemas.

Diante desses fatos o sermão narrativo surge como uma forma sermônica capaz de diminuir os ruídos entre pregadores e ouvintes. Isso porque as narrativas estão associadas à própria formação histórica de conhecimento do homem e por ser um modelo indutivo de pregação que permite o uso da imaginação, o que viabiliza uma experiência que traz vida ao conhecimento transmitido, o que facilita sem dúvidas, a aplicação do conteúdo a vida prática do ouvinte.

O sermão narrativo não é uma fórmula mágica que irá resolver o problema do mal-estar nos púlpitos, mas ele surge como uma grande possibilidade na contemporaneidade para diminuir os ruídos na pregação. Essa foi a forma sermônica mais utilizada por Jesus e esse fato em si já deveria fazer com que os pregadores dessem mais atenção a prédica narrativa.

Outro fator, também já levantado, é o número de pessoas hoje que são fascinadas por filmes, romances e séries de TV. Isso diz muito sobre a maneira como as pessoas recebem e passam mensagens na atualidade. Outro fato é a percepção da mudança comportamental de um ouvinte quando ele começa a ouvir uma ilustração, ele se envolve com a história contada.

A narrativa aproxima o ouvinte da mensagem pretendida pelo pregador. Ilustra de maneira mais vivida o que se está querendo dizer, dessa forma há uma maior aproximação do ouvinte e da mensagem. Ela diminui os ruídos na entrega da mensagem. Essa forma sermônica, possibilita uma participação do ouvinte, de maneira direta ou indireta. Quando existe uma interação entre o pregador e o ouvinte há uma melhor comunicação entre eles.

A pregação narrativa permite uma melhor aplicação do que se está ensinando através da mensagem, pois aproxima a mensagem da vida cotidiana das pessoas. Quando há essa identificação entre a mensagem e a práxis, a aplicação se torna uma realidade mais próxima. A narrativa ainda faz com que a mensagem não fique presa ao campo das ideias. A narrativa possibilita a visualização prática do que se está falando, isso facilita a assimilação do que está sendo dito e o que se espera que o ouvinte faça, ela ilustra a ideia sendo executada.

Por esses e outros motivos, a pregação narrativa tem se mostrado eficaz e uma excelente alternativa para os pregadores transmitirem a mensagem do evangelho em seus púlpitos. É importante ressaltar que não se está querendo sacralizar essa forma, pois se assim fosse, estaria caindo no mesmo erro de igrejas históricas que continuam pregando como se vivessem no século XVII. Pois até

mesmo a forma e a linguagem que se utiliza para se contar uma história variam de um lugar para outro, fato que mostra a necessidade de um estudo sobre como contar histórias e um profundo esquema de leitura de narrativas para se assimilar o tipo de linguagem abordada.

Fica então essa pequena introdução sobre a pregação narrativa como uma possível minimizadora dos ruídos durante a pregação que impedem os ouvintes de entenderem e de associarem a mensagem ali pregada a suas vidas. Que os pastores possam enxergar que as narrativas podem criar histórias semelhantes aos dramas que os seus ouvintes vivem e ajudá-los a construir, biblicamente, uma resposta para os questionamentos e angustias das almas ali presentes.

REFERÊNCIAS

ADAM, Júlio César. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v.53, n. 1, p. 160-175, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/650/799>. Acesso em: 18 fev. 2016.

ADAMS, Jay E. A teologia e a pregação cheia de poder: nove convicções provenientes do cerne da pregação bíblica. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Org.). *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. 888 p.

GAMA, Alexandre Matos. *On-line/Off-line: as relações sociais e a internet*. Disponível em: <<https://colunastortas.wordpress.com/2014/09/01/on-lineoff-line-as-relacoes-sociais-e-a-internet/>>. Acesso em: 16 maio. 2016.

CRADDOCK, Fred. A Pregação Como Narração de Histórias: como confiar em histórias que possam transmitir carga espiritual. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Org.). *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. 888 p.

DEVER, Mark. *9 Marcas de uma igreja saudável*. Jundiaí/SP: Fiel, 2009. 312p.

GAMA, Alexandre Matos. *On-line/Off-line: as relações sociais e a internet*. Disponível em: <<https://colunastortas.wordpress.com/2014/09/01/on-lineoff-line-as-relacoes-sociais-e-a-internet/>>. Acesso em: 16 maio. 2016.

HIEBERT, Paul G. *Transformando cosmovisões: uma análise antropológica de como as pessoas mudam*. São Paulo: Vida nova, 2016. 400 p.

JAGNOW, Dieter Joel. *Pregação criativa: um manual teórico-prático sobre criatividade e variedade na pregação cristã*. Porto Alegre: Editora Concórdia, 2010. 368 p.

ALTEMEYER JUNIOR, Fernando; BOMBONATTO, Vera Ivanise. Trindade, mistério de comunhão e comunicação funções. In: ALTEMEYER JUNIOR, Fernando; BOMBONATTO, Vera Ivanise (Org.). *Teologia e comunicação: corpo palavra e interfaces cibernéticas*. São Paulo: Paulinas, 2011. 248 p.

KESLER, Jay. Super alimentados, Subdesafiados: a mensagem precisa travar a batalha pela vontade. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Org.). *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009.888 p.

KIRST, Nelson. *Rudimentos de homilética*. 6. ed. São Leopoldo/EST: Editora Sinodal, 2012. 240 p.

LEWIS, Ralph. LEWIS, Gregg. *Pregação Indutiva: como pregar de modo que as pessoas ouçam*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003. 336 p.

LLOYD; Jones. *Pregação e Pregadores*. 2. ed. São José dos Campos – SP: Fiel, 2011. 304 p.

LORITTS, Crawford. *A pregação que eleva os nossos olhos: que tipo de pregação – que tipo de pregador – consegue levantar a barra para saltadores de baixa estatura*. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Org.). *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. 888 p.

LORO, Tarcisio Justino. *Fenomenologia da palavra: os processos de comunicação, a antropologia da linguagem e suas funções*. In: ALTEMEYER JUNIOR, Fernando; BOMBONATTO, Vera Ivanise (Org.). *Teologia e comunicação: corpo palavra e interfaces cibernéticas*. São Paulo: Paulinas, 2011. 248 p.

SOUZA, Mauro Batista. *A nova Homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação*. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4701_2007/et2007-1a_msouza.pdf>. Acesso em: 07 maio. 2015.

MAGALHÃES, Antônio. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000. 264 p.

MCGRATH, Alister. *Conversando com C.S. Lewis*. São Paulo: Planeta, 2014. 224p.

MCQUILKIN, Robertson. *Conectando com Pós-modernos: o que adotar, o que adaptar e o que confrontar no pós-modernismo*. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Org.). *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. 888 p.

MORAES, Jilton. *Homilética: da pesquisa ao púlpito*. 2. ed. São Paulo: Vida, 2012. 232 p.

_____. *Homilética: do ouvinte a prática*, São Paulo: Vida, 2013. 320 p.

_____. *O clamor da igreja: em busca de excelência no púlpito*. São Paulo, SP: Mundo Cristão. 2002. 192 p.

ORITTS, Crawford. *A pregação que eleva os nossos olhos: que tipo de pregação – que tipo de pregador – consegue levantar a barra para saltadores de baixa estatura*. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Org.). *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. 888 p.

PAES, Carlito. *A igreja Brasileira Com Propósitos: a explicação que faltava*. São Paulo: Vida, 2012. 280 p.

PETERSON, Eugene H. *A linguagem de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2014. 320 p.

RAMOS, Luiz Carlos. *A Conceituação da Homilética em perspectiva histórica*. Disponível em: <<http://www.luizcarlosramos.net/a-conceituacao-da-homiletica-em-perspectiva-historica/>>. Acesso em: 15 maio. 2015.

RAMOS, Luiz Carlos. *A pregação na idade humana: horizontes homilético para a igreja do future*. Disponível em: <<http://www.luizcarlosramos.net/a-pregacao-na-idade-humana/>>. Acesso em: 05 maio. 2015.

RAMOS, Luiz Carlos. *A pregação na idade humana: horizontes homiléticos para a igreja do futuro*. *LUIZ CARLOS RAMOS: textos e texturas*. 10 de março de 2014. Disponível em: <<http://www.luizcarlosramos.net/a-pregacao-na-idade-humana/>> Acesso em: 02 maio. 2015.

REBLIN, Iuri Andréas. *O Alienígena e o Menino*. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2015. 264 p.

REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores... o pensamento teológico de Rubem Alves*. 2. ed. ver. ampl. São Leopoldo: Oikos, 2014. Disponível em: <http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/REBLIN-Outros_cheiros.pdf>. Acesso em: 10 maio. 2016.

ROBINSON, Haddon. *Minha teoria da pregação: três ideias formam minha abordagem à pregação*. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Org.). *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. 888 p.

SIMÕES, Isabela de Araujo. *A Sociedade em Rede e a Cibercultura: dialogando como pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação*. *Temática*, João Pessoa, ano 5, n. 5, [p. 1-11], maio 2009. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2009/Maio/sociedade_ciberespa%C3%A7o_Isabella.pdf>. Acesso em: 16 maio. 2016.

SOUZA, Mauro Batista. *A nova Homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação*. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 47, n. 1, p. 5-24, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/458/418>. Acesso em: 07 maio. 2015.

STOTT, John. *Uma Definição de Pregação Bíblica*. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Org.). *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. 888 p.

TURNER, Steve. *Engolidos pela cultura pop: arte, mídia e consumo: uma abordagem cristã*. Viçosa, Minas Gerais: Ultimato, 2014. 272 p.

WIERSBE, Warren W. *O pregador patenteado: cada pregador é uma edição limitada de um só exemplar*. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Org.). *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. 888 p.

WILLARD, Dallas. *Um cálice transbordante: por que os pregadores precisam encontrar profunda satisfação em Cristo*. In: ROBINSON, Haddon; LARSON, Craig B. (Org.). *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica: um manual abrangente para os comunicadores da atualidade*. São Paulo: Shedd Publicações, 2009. 888 p.